

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

José Edson Júlio Roberto

**Proficiência escrita e marcas da oralidade no texto dissertativo dos alunos de
uma escola da Grande São Paulo**

Mestrado em Língua Portuguesa

**São Paulo
2020**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

José Edson Júlio Roberto

**Proficiência escrita e marcas da oralidade no texto dissertativo dos alunos de
uma escola da Grande São Paulo**

Mestrado em Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira.

**São Paulo
2020**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

E-mail: _____

José Edson Júlio Roberto

**Proficiência escrita e marcas da oralidade no texto dissertativo dos alunos de
uma escola da Grande São Paulo**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob
a orientação do Professor Doutor Luiz Antonio Ferreira.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira - PUC-SP

Prof. Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira - PUC-SP

Profa. Dra. Maria Júlia Santos Duarte

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance code 001”.

Dedicatória

A minha família pelo apoio e incentivo permanentes que permitiram a conclusão deste trabalho.

Agradecimentos

À Fundação Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudo concedida pelo Programa de Mestrado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Luiz Antônio Ferreira, que me trouxe até aqui pelo incentivo, paciência, empenho, competência e orientação relevante e precisa.

Às Professoras Doutoras Leonor Lopes Fávero, Dieli Vesaro Palma e Sueli Cristina Marquesi, pela importância que marcaram nas etapas desta empreitada.

Aos Professores Doutores Jarbas Vargas Nascimento e João Hilton Sayeg de Siqueira, integrantes da Comissão Examinadora do Exame de Qualificação de Mestrado, que, com suas valiosas sugestões, contribuíram significativamente para o aperfeiçoamento da minha dissertação.

À Secretária Maria de Lourdes Scaglioni, do Programa de Língua Portuguesa, pela sua capacitação, comprometimento e dedicação no trato docente e discente, de grande relevância no meu caminhar pelo emaranhado dos trâmites administrativos.

Aos meus colegas de curso, que enriqueceram minha produção na participação da pesquisa que norteou este empreendimento.

Ao Professor João Carlos Nhoque, pelo profissionalismo, desvelo e importantes interferências na revisão deste trabalho, com vistas a atender todas as exigências das normas que regulam a dissertação.

À minha família, que sempre me estimulou e acreditou que tudo era possível.

Enfim, a todos, meu muito obrigado. Cada um colaborou, de uma forma ou de outra, para que eu tivesse um caminhar mais leve nesta longa, mas finita trajetória.

Vale a pena sonhar com o dia em que a escola saiba despertar nos alunos a paixão pela língua portuguesa; inclusive pela língua portuguesa falada no Brasil. Saiba fazer ver que a metrópole, da qual os mares atlânticos nos separam, não pode constituir a única referência de nossa identidade linguística. A língua portuguesa falada no Brasil precisa ter como foco de sua legitimidade as manifestações da plural e mestiçada cultura brasileira.

(Irandé Antunes)

Resumo

ROBERTO, José Edson Júlio. Proficiência escrita e marcas da oralidade no texto dissertativo dos alunos de uma escola da Grande São Paulo. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

Esta dissertação, vinculada à linha de pesquisa Texto e Discurso nas Modalidades Oral e Escrita do Programa de Estudos em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, propõe-se a verificar o grau de proficiência escrita de alunos do ensino médio no trato da norma padrão culta em textos dissertativos e a explicitar alguns fenômenos da oralidade interferentes no registro da escrita em situações formais. São analisadas cinco redações de alunos da primeira série do ensino médio de uma escola pública de um município da Grande São Paulo. A perspectiva teórica que norteia a análise é a Sociolinguística Variacionista que busca explicar a língua em uso em contextos interacionais. Subsidiaram o percurso analítico os estudos que tratam a Oralidade e Escrita e a sua relação com o ensino de Língua Portuguesa. Os resultados apontam que há domínio satisfatório da língua em situações formais se considerar-se o estágio de formação do educando e as exigências dos PCN em Língua Portuguesa. As interferências da oralidade na escrita não são significativas, o processo de constituição dos argumentos é bastante aceitável quando se considera a faixa etária, o contexto interacional e a manutenção da referência tematizada. Há problemas de estruturação dos parágrafos e deslizes formais considerados aceitáveis para alunos adolescentes nesse estágio de aprendizagem da norma culta escrita.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Linguagem escrita. Linguagem oral.

Abstract

ROBERTO, José Edson Júlio. Written proficiency and orality marks in the dissertation text of students at a school in Greater São Paulo. Dissertation (Master in Portuguese Language) - Graduate Studies Program in Portuguese Language, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2020.

This dissertation, linked to the line of research Text and Discourse in the Oral and Written Modalities of the Portuguese Language Studies Program of the Pontifical Catholic University of São Paulo, proposes to verify the degree of written proficiency of high school students in dealing with the standard cultured in dissertation texts and to explain some phenomena of orality interfering in the recording of writing in formal situations. Five essays of first grade students at a public school in a municipality of Greater São Paulo are analyzed. The theoretical perspective that guides the analysis is the Variationist Sociolinguistics that seeks to explain the language in use in interactional contexts. They support the analytical path of studies that deal with Orality and Writing and its relationship with Portuguese Language teaching. The results indicate that there is satisfactory mastery of the language in formal situations if we consider the training internship of the student and the requirements of the PCN in Portuguese Language. The interferences of orality in writing are not significant, the process of constitution of arguments is quite acceptable when considering the age group, the interactional context, and the maintenance of the theme reference. There are problems in structuring paragraphs and formal slip-ups considered acceptable for adolescent students in this stage of learning the cult written norm.

Keywords: Portuguese language. Written language. Oral language.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DA LINGUÍSTICA À SOCIOLINGUÍSTICA ...	15
CAPÍTULO II: ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ORALIDADE NA SOCIOLINGUÍSTICA	21
CAPÍTULO III: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO	29
3.1 Marcadores Conversacionais	31
3.2 Pausas de Hesitação e de Ênfase (não Sintáticas).....	33
3.3 Organização da Conversação	35
3.4 Hesitação	38
3.5 Correção.....	38
CAPÍTULO IV: ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ESCRITA	40
4.1 Breve Histórico do Texto	41
4.2 Aspectos Organizacionais do Texto Escrito	41
4.3 A Construção do Texto Escrito.....	42
4.4 O Contínuo Tipológico.....	42
CAPÍTULO V: ORALIDADE E ESCRITA NA REDAÇÃO DE ALUNOS	44
5.1 Marcadores Conversacionais	65
5.2 Marcas de Aproximação entre Falante e Ouvinte	65
5.3 Gírias (Variação Social).....	66
5.4 Sintaxe Não Planejada.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	80

Lista de Abreviaturas e Siglas

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
Inaf	Indicador de Alfabetismo Funcional
MEC	Ministério da Educação
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
ONG	Organização Não Governamental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

Lista de Quadros

Quadro 1: Sinais conversacionais verbais	35
Quadro 2: Texto 1	45
Quadro 3: Texto 2	49
Quadro 4: Texto 3	53
Quadro 5: Texto 4	56
Quadro 6: Texto 5	60
Quadro 7: Tipos de Marcas da Oralidade	63
Quadro 8: Tipos de Marcas da Escrita	64

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, vinculada à linha de pesquisa Texto e Discurso nas Modalidades Oral e Escrita do Programa de Estudo em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, propõe-se a verificar e explicitar alguns fenômenos da oralidade que interferem na produção textual escrita.

O objetivo desta pesquisa é investigar o grau de proficiência escrita em nível formal em redações de alunos da primeira série do ensino médio de uma escola pública do município da Grande São Paulo, imersos em uma cultura de letramento fortemente dominada pela tecnologia da escrita. Ressalte-se que os sujeitos da pesquisa têm no mínimo dez anos de escolarização e que o ato de escrever, para além do conteúdo ministrado nas escolas, exige do autor adequada competência leitora, desenvolvimento cognitivo em consonância com sua idade, sexo e influências contextuais. O texto produzido, pois, é - assim se entende - uma atividade comunicativa e implica uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva e sociocultural que, somados, contribuem para a construção dos sentidos na interlocução.

Assim, a ter em conta os fatores contextuais e individuais da produção do texto escrito e as inserções do oral no escrito em produções escolares escritas em norma padrão culta, pretende-se responder aos seguintes questionamentos: Como o domínio escolarizado da norma padrão se reflete nas composições escritas dos alunos pesquisados? Quais as influências das marcas da oralidade no texto escrito dos alunos da primeira série do ensino médio?

O trabalho é sustentado pela Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança ou ainda de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, que consiste em uma área de estudos proposta pelo linguista estadunidense William Labov¹ com a intenção de explicar a variação simultânea sistemática da língua em sociedade, ou seja, que estuda a língua de forma diversificada e que valoriza a linguagem em uso que se utiliza em contexto interacional. Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) trazem claramente a indicação para que se trabalhe em sala de aula questões que tenham como foco os

¹ William Labov [1927] foi descrito como "uma figura fortemente original e influente que criou grande parte da metodologia de sociolinguística" (Fonte: Wikipédia).

aspectos das variações e modalidade da língua, pois “o aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades - aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes” (BRASIL, 1998, p. 81).

Diante disso, este trabalho tem como amostragem cinco textos de tipologia dissertativa-argumentativa, que proporcionam importante aprendizado significativo e crítico no uso da língua, produzidos, como dito, por alunos da primeira série do ensino médio de uma escola pública localizada na região da Grande São Paulo. Os textos foram produzidos em 2019 e possuem indicação de correção de um professor de Língua Portuguesa. A série é composta por 30 alunos e as redações foram selecionadas aleatoriamente. Entre os textos, três foram escritos por mulheres e dois por homens. A tipologia trabalhada na escrita, dissertativa, é característica nesse tipo de redação, posto que trabalhar com gêneros secundários em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento da habilidade da escrita, do aprimoramento da oralidade e da leitura para atuação social por meio da linguagem, pois os gêneros como prática comunicativa envolvem aspectos sociais, culturais, históricos que exigem maturidade para correta articulação dos argumentos na discussão de um tema proposto.

Considera-se, como justificativa para uma pesquisa desse teor, que a língua é um grande ponto de encontro de cada um de nós, com nossas memórias, com nossos antepassados, com pessoas que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Na verdade, a língua que falamos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos e atesta as nossas identidades (ANTUNES, 2009). Se assim for, as redações analisadas poderão mostrar características pessoais nítidas dos alunos-autores e nos auxiliarão a compreender possibilidades, ainda que modestas, para a pedagogia do oral e do escrito em Língua Portuguesa. Considera-se como princípio que em qualquer língua, em qualquer época, desde que em uso, ocorrem mudanças em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que naturalmente qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (ANTUNES, 2009).

As transformações na língua podem ocorrer em todos os níveis: fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico. Essas mudanças linguísticas são condicionadas por fatores linguísticos e fatores sociais relacionados à origem geográfica, gêneros, idade, classe social e situação interacional. Para desenvolver

este trabalho, teoricamente, levou-se em consideração a perspectiva da Sociolinguística Variacionista que relaciona a língua a fatores sociais e explica as mudanças da língua que não são objetos de atenção dos manuais de gramática normativa. É por essa heterogeneidade de falares que a língua se torna complexa e instaura o movimento dialético que nos permite ver a natural tensão do movimento e captar a natureza histórica e culturalmente situada de existir.

Para sustentar a pesquisa e atingirmos os objetivos intentados, ancoramos no aparato teórico fornecido por Alkmim (2019), Antunes (2009), Barros e Mello (1990), Bechara (2015), Bortoni-Ricardo (2004, 2009, 2017), Calvet (2002), Camacho (2013), Castilho (1998), Coelho *et al.* (2010, 2019), Faraco e Zilles (2017), Fávero e Koch (2012), Fávero, Andrade e Aquino (2012), Fiorin (2015), Freitag (2016), Galembeck (2010), Illari e Basso (2017), Kerbrat-Orecchioni (2006), Koch (2014), Koch e Elias (2014), Marcuschi (2004, 2007, 2008), Mollica e Braga (2012), Naro (2012), Pereira, Silva e Assis (2014), Preti (1987, 2006, 2010), Silva (2012) e Urbano (2010).

Desenvolveu-se esta pesquisa em cinco capítulos. O primeiro aborda as concepções sócio-históricas da Sociolinguística; o segundo traz a fundamentação teórica; o terceiro apresenta as teorias e concepções da oralidade; o quarto demonstra o referencial teórico da escrita; e, finalmente, o quinto trata das análises dos dados coletados a partir da amostragem selecionada aleatoriamente em uma sala de alunos brasileiros, paulistanos, que cursam o Ensino Médio.

No que tange à metodologia utilizada na elaboração deste trabalho, usamos quadros analíticos que ajudam a identificar marcas da oralidade na escrita dos textos da amostragem selecionada e suas respectivas características e incidências mais significativas.

CAPÍTULO I

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DA LINGUÍSTICA À SOCIOLINGUÍSTICA

Camacho (2013) assevera que a Linguística moderna é iniciada com a publicação da obra “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, em 1916², que lançou suas bases do estruturalismo linguístico e se empenhou em sustentar devidamente a interpretação da linguagem. Tê-la como um objeto sincrônico, inaugurou um gesto de criação que proporcionou a construção do estatuto de autonomia para a Linguística no conjunto das ciências humanas.

De acordo com o respectivo autor, a língua é um sistema de signos, ou um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. Trata-se da parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, ou seja, “não pode ser modificada pelo falante e obedece a leis do contrato social estabelecidas pelos membros da comunidade” (CAMACHO, 2013, p. 25). A Sociolinguística surgiu, posteriormente, como alternativa viável. Saussure entendia que a língua é a parte social da linguagem e que há separação entre sistema e discurso em toda a tradição linguística que se seguiu a esse ato de criação, que não só foi mantida, mas até mesmo aprofundada por pesquisadores de escolas distintas, ou seja, Bloomfield³, Hjelmslev⁴ e Chomsky⁵. No entanto, “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história dos seus falantes” (CALVET, 2002, p. 11⁶ *apud* CAMACHO, 2013, p. 34). Os estudos foram somados e permitiram visões diversificadas ou complementares sobre o estatuto da língua.

Nesse ínterim,

² SAUSSURE, Ferdinand de [1857-1913]. Título original em francês: **Cours de Linguistique Générale**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechelaye. Colaboração de Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1916.

³ Leonard Bloomfield [1887-1949] é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana. Nasceu em Chicago e se formou como bacharel na Universidade de Harvard no ano de 1906, recebendo o doutorado na Universidade de Chicago em 1909 (Fonte: Wikipédia).

⁴ Louis Trolle Hjelmslev [1899-1965] foi um linguista dinamarquês cujas ideias formaram a base do Círculo Linguístico de Copenhague. Nascido em uma família de acadêmicos, estudou Linguística comparativa em Copenhague, Praga e Paris. Em 1931, fundou o Cercle linguistique de Copenhague (Fonte: Wikipédia).

⁵ Avram Noam Chomsky [1928] é um linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, reverenciado em âmbito acadêmico como “o pai da linguística moderna”, também é uma das mais renomadas figuras no campo da filosofia analítica (Fonte: Wikipédia).

⁶ CALVET, Louis-Jean [1942]. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. p. 11.

Quando no final da década de 1950, surgiu Chomsky (1957⁷) com seu *Syntactic Structures*, o recorte se manteve sob outra denominação e sob nova direção teórica. Com efeito, o sistema linguístico se enquadrou na moldura do conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, um objeto de natureza psicológica ou cognitiva, denominado *competência*, com o descarte simultâneo dos atos de fala, infinitamente variáveis e variados, que, relegados ao conceito de desempenho, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica (CAMACHO, 2013, p. 34).

No que tange ao desenvolvimento da linguagem, é importante salientar que o enfoque inicial empreendido nos estudos da linguagem, que consideram a Linguística de um ponto de vista formal, não abarcaram o seu entendimento social e, nesse sentido,

De acordo com a teoria desenvolvida por Chomsky, conhecida como gramática gerativa, a *competência* consiste no conhecimento que o falante tem de um conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de sentenças, reconhecendo aquelas que são bem formadas, de acordo com o sistema de regras da língua (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 71).

Coelho *et al.* (2010) complementam:

Chomsky sofisticou ainda mais os objetivos dessa ciência (linguística) ao propor que faculdade da linguagem é um componente universal e inato da espécie humana, cujas regras poderiam ser descritas a partir da análise das construções gramaticais (aceitáveis) de línguas diversas. No entanto, tanto estruturalistas como gerativistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto. Ademais, de acordo com essas propostas, o sistema a ser descrito pela linguística era um construto *homogêneo*, ou seja, não eram consideradas eventuais variações ou influências típicas da fala sobre os elementos da língua. Desse modo, a variabilidade (o fato de que pode haver mais que uma forma expressando o mesmo significado), o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua ficavam excluídos da agenda (COELHO *et al.*, 2010, p. 19).

Calvet (2002) enfatiza que é sob a égide de toda essa estruturação contextual da Linguística que surgem, a partir da década de 1960, os posicionamentos elencados por Labov, que preconiza nova forma de olhar os fenômenos de variação linguística.

Embora a Linguística aborde a língua e considere-a um sistema “que conhece apenas sua abordagem própria” (CALVET, 2002, p. 11), essa concepção da língua se vê diante do desafio que é, evidentemente, seu ambiente comunitário, isto é, o ambiente social no qual a língua é concebida. Ao perceber essa interação social,

⁷ CHOMSKY, Noam [1928]. **Syntactic Structures**. Cambridge, England: Massachusetts Institute of Technology, Mouton Publishers, The Hague, 1957.

Labov⁸ traz à baila “a presença do componente social na análise linguística” (COELHO *et al.*, 2010, p. 22).

É evidente que, ao perceber a natureza interativa inerente à língua, Labov propõe-se ao desenvolvimento estrutural no tocante à ascensão linguística, rompe com as definições saussurianas que entrecruzam, de um lado, a sincronia e, do outro, a história da ascensão e a diacronia, “aproximando igualmente a sincronia e a diacronia às noções de estrutura e funcionamento da língua” (COELHO *et al.*, 2010, p. 22).

Para Saussure, “a língua é elaborada pela comunidade; é somente nela que ela é social [...]” (CALVET, 2002, p. 16). Para Meillet⁹, que introduz o elemento sociolinguístico, “a noção de língua está calcada nos estudos durkheimianos, que unem o componente social e o ato social [...]. De fato, enquanto Saussure distingue cuidadosamente estrutura de história, Meillet quer uni-las” (CALVET, 2002, p. 17).

Esse é o momento histórico em que se introduz o que hoje conhecemos como Sociolinguística, ou seja, passa-se a asseverar a interatividade social em detrimento da estruturação formal, alicerçada nos elementos de constituição linguística. A Sociolinguística é, como o nome sugere, a penetração do fenômeno sociológico na língua como componente fornecedor de sentido.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2017), o aparecimento das pesquisas relativas ao assunto tratado no presente trabalho se dá na década de 1960, a despeito dos estudos predecessores enfocados na Linguística, isto é, na concepção da língua como formal. Essas pesquisas, empreendidas sob teor científico e interdisciplinar, evidenciam, ao considerar seu contexto sociocultural, a relação entre a fala propriamente dita e o falante.

Para os estudos sociolinguísticos, que se fortificam de maneira interdisciplinar, duas proposições são fundamentais para isso. A primeira é o relativismo cultural; a segunda é a “heterogeneidade linguística, inerente e sistemática” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 12). No que se refere ao relativismo cultural, postula-se que sua

⁸ LABOV, William [1927]. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno [1961]. São Paulo: Parábola, 2008.

⁹ MEILLET, Antoine [1866-1936]. Introdução à linguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [1963]. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2019. v. 2.

compreensão esteja calcada nas ciências sociais, pois que, uma determinada cultura jamais é definida intrinsecamente acima de outra. O autor advoga que,

Inicialmente, essa premissa relativista aplicou-se a comparações entre línguas, mas, com o advento da crença na heterogeneidade ordenada e do reconhecimento da existência de muitas variedades no âmbito de qualquer língua natural, linguistas nos Estados Unidos e na Europa ampliaram o escopo da premissa relativista para a comparação entre variedades de uma língua, ou, até mesmo, entre os estilos no repertório de um falante (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 12).

Isto significa dizer que, embora inicialmente o que se concebeu tenha sido o relativismo cultural, posteriormente concebe-se a noção de heterogeneidade, que se estrutura na medida em que se discernem as variedades no ambiente mobilizador da linguagem natural.

Bortoni-Ricardo (2017) afirma que, sob a liderança de Labov, os primeiros sociolinguistas, nos Estados Unidos, empreenderam pesquisas num ambiente de observação em que o foco estava posto no “grau de letramento com que as crianças convivem (conviviam) em seu ambiente familiar” (p. 12). Na realidade, “desenvolveram intensivas análises contrastivas entre a variedade do inglês que era a língua materna dos alunos em questão e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola” (p. 12-13).

Esse foi um momento importante para a Sociolinguística, pois foi nela que se fixaram as colunas fundamentais, com prioridade, à “descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 13).

Essa discussão se refere ao surgimento da Linguística Moderna e da Sociolinguística e suas implicações transpostas do ponto de vista mais formal, que mobiliza o campo da Sociologia e identifica a língua como uma ciência emergida das condições sociais e culturais dos falantes.

Agora, a considerar o desenvolvimento da Sociolinguística no contexto brasileiro, de acordo com Martelotta (2018),

No Brasil, as pesquisas nessa linha começaram a ser desenvolvidas na década de 1970, através da atuação de alguns grupos de pesquisadores, a saber: o grupo do projeto Mobral Central, o grupo do projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (Nurc) e o do projeto Censo de Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro (Censo), tendo como coordenadores os professores Miriam Lemle, Celso Cunha e Anthony Naro, respectivamente (MARTELOTTA, 2018, p. 153).

Naturalmente, as pesquisas em Sociolinguística, que se referem aos aspectos da oralidade, desenvolveram-se em maior escala com o passar dos anos, conforme se vê a seguir:

A maioria dos pesquisadores nessa área hoje congrega-se em Projetos Integrados, formando polos de atuação que permitem estabelecer uma rede complementar de resultados, referendando-os ou contestando-os. Ao adotar perspectivas diferentemente priorizadas, em grupo ou isoladamente, os estudiosos recobrem um painel de conhecimentos sobre as dimensões geodialetal, sócio-estratificada, histórico-social e discursivo-cultural (MOLLICA; RONCARATI, 2001¹⁰ *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 483).

Com o objetivo de especificar ainda mais as pesquisas que foram de natureza fundante no que se refere ao surgimento da Sociolinguística no Brasil, Oliveira (2016) delimita autores responsáveis por esse desenvolvimento:

Os primeiros trabalhos na área da Sociolinguística realizados no Brasil versaram sobre: concordância nominal (BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978, 1988; LUCCHESI, 2000); construções relativas (MOLLICA, 1977); derivação sufixal (MONTALVO, 1978); segmentos nasal e vibrante em final de vocábulos (VOTRE, 1978); pronome pessoal de terceira pessoa em função acusativa (OMENA, 1978); distribuição da vibrante (CALLOU, 1979); segmentos africados e fricativos (PALMA, 1980); pronomes pessoais e oblíquos átonos (DEL-GÁUDIO, 1981); pronomes átonos (PEREIRA, 1981); harmonização vocálica (BISOL, 1981); futuro do subjuntivo (MACEDO, 1981); possessivos (OLIVEIRA; SILVA, 1983); flexão do infinitivo (LADEIRA, 1986); expressão do sujeito (PAREDES DA SILVA, 1988); queísmo e dequeísmo (MOLLICA, 1989); orações condicionais (GRYNER, 1990); verbos existenciais (FIORETTI, 1996); regência do verbo ir (RIBEIRO, 1996); variação entre tudo e todo (PINTO, 1996). E citam-se aqui apenas as primeiras dissertações e teses produzidas no Rio de Janeiro sob a orientação do pioneiro Anthony Naro (VOTRE; RONCARATI, 2008).

[OLIVEIRA, 2016, p. 482].

É evidente, no entanto, que essa lista não esgota o número de pesquisadores que palmilharam no desenvolvimento das respectivas pesquisas. Ademais, é importante salientar que nosso objetivo no presente trabalho é acentuar a tom histórico como se deu o desenvolvimento que, primariamente, se estabeleceu nas concepções de linguística, concebidas do ponto de vista formal e estrutural do texto, e então, à que medida que se percebeu a influência social na língua, a Sociolinguística veio à baila e formou um escopo cujo alicerce se fundamentou na Sociologia.

A fim de esclarecer como se deu, especificamente, o início da Sociolinguística brasileira, Rybczynski (2014) nos diz que

¹⁰ MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; RONCARATI, Cláudia Nívia. Questões teórico-descritivas em sociolinguística e em sociolinguística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. **DELTA**, v. 17, n. spe, p. 45-55, 2001.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi um projeto do governo militar brasileiro criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 a 1985, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, que abandonaram a escola, visando conduzir a pessoa a adquirir a leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la à sua comunidade, permitindo melhores condições de vida na sociedade (RYBCZYNSKI, 2014).

Não é um propósito aqui entrar na discussão político-ideológica sobre o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), mas entender o seu contexto na sua relação com a Sociolinguística. Entre 1969 e 1974, o referido programa foi presidido por Mário Henrique Simonsen, economista e banqueiro, momento em que o programa se aproximou ainda mais aos interesses do capital, com o fomento da Fundação Ford, que financiou o projeto “Competências Básicas do Português” (1977¹¹).

Relata-nos FREITAG (2016, p. 452) que “a Sociolinguística do Brasil se caracteriza por sua operacionalização em bancos de dados linguísticos. São amostras sistematizadas de língua, coletadas em um universo definido como comunidade de fala”. A Sociolinguística do Brasil se estabeleceu e rumou nas interfaces teóricas acima dos papéis sociais, com coleta de dados e com um número reduzido de informantes da comunidade da fala.

Anthony Julius Naro, em entrevista a Votre, Roncarati e Nascimento (2008), discorre que

A Sociolinguística é sobretudo linguística. A Teoria da Variação é uma metodologia. Tem que ter por detrás uma teoria linguística. [...] a Sociolinguística é essa: o que ela faz é estudar a gramática em ação. Mas ela tem que ter uma teoria da gramática por detrás, para orientar as grandes perguntas. Também existe um ramo da Sociolinguística mais voltado para a Sociologia. Mas, pelo menos até agora [2008], no Brasil, ninguém se interessou por ele [...]. É, por exemplo, no papel das mulheres e dos homens na sociedade ou em um grupo qualquer. Lá nos Estados Unidos, o foco era principalmente nos afro-americanos. Mas existe todo um ramo da Sociolinguística mais voltado para questões sociais do que para questões linguísticas... Mas, aqui no Brasil, não temos esse campo de estudos (VOTRE; RONCARATI; NASCIMENTO, 2008, p. 14).

É evidente o esclarecimento da Sociolinguística, pois que, de acordo com o recorte apresentado, significa que na realidade e no que tange aos estudos sociolinguísticos focados nos aspectos da oralidade, esses não se distanciaram dos objetivos de Labov, como já visto, e que, inicialmente, considerou as características de emergências ligadas, prioritariamente, à Sociologia.

¹¹ LEMLE, Miriam [1937-2020]; NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras - Fundação Mobral e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

CAPÍTULO II

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ORALIDADE NA SOCIOLINGUÍSTICA

A linguagem é o objeto de estudo no desenvolvimento efetivo da Linguística, bem como da Sociolinguística. Embora ambas as ciências tenham enfoques diferentes - a primeira tem sua atenção voltada à estrutura da língua e a segunda às manifestações sociológicas da língua, na medida em que se identifica o lugar do falante -, é absolutamente imprescindível que partamos do objeto comunitário, isto é, a língua.

Fiorin (2015) diz que, ao serem propostos os estudos linguísticos, houve a necessidade de que muitos estudiosos empreendessem os respectivos estudos e enfocasse-os na emergência de definições de linguagem. É também importante salientar que as definições asseveradas por diversos teóricos gozam de proximidades em alguns aspectos, mas, geralmente, a tensão é salientada à medida que as ênfases se chocam em pontos considerados centrais.

A linguagem, obviamente, é nosso meio de comunicação absoluta; isso significa que, além das línguas diversas e seus elementos estruturais, as condições sociológicas também favorecem uma comunicação efetiva.

Embora teóricos se debrucem sobre áreas específicas da linguagem, o advento da Linguística Textual, por volta da década de 1960, trouxe uma nova perspectiva para a observação dos fatos linguísticos. Isto porque, conforme apontam Fávero e Koch (2012, p. 15), “sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”.

Nesse sentido, é possível supor uma mudança da Linguística Formal à Sociolinguística, pois, com base em Saussure (1969¹²), Fiorin (2015, p. 9) postula que “A linguagem envolve uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como a Psicologia, a Antropologia etc., além da investigação linguística [...]”, o que testemunha que nos estudos linguísticos não se dava espaço para compreensões que poderiam extrapolar a concepção de ciência entendida no ambiente de investigação linguística. Entretanto, o que chama a nossa

¹² SAUSSURE, Ferdinand de [1857-1913]. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

atenção na respectiva observação empreendida no momento da inserção da Sociolinguística, é a mobilização de outras ciências das humanidades, agora com caracteres interdisciplinares, que evidenciam, também, seu caráter sociológico.

De acordo com o postulado por Calvet (2002) no primeiro capítulo, é importante saber que a tensão, frisada pelo autor, entre Meillet¹³ e Saussure, no estudo do elemento social da língua, é no tocante à configuração do nível desse elemento.

Assim, para Saussure, na ótica de Calvet (2002), a língua estava elaborada por uma determinada comunidade de falantes, e era nesse ambiente que o componente social era permitido; para Meillet, entretanto, a noção de língua estava calcada nos estudos durkheimianos, que atrelava, indubitavelmente, a língua ao componente social; é aí que se distinguem de maneira mais radical as concepções de ambos os autores, pois, de fato, Meillet não pretendeu apenas o empreendimento cuidadoso de uma estrutura de cunho histórico, mas de união - está aí a unidade sociológica e, portanto, a Sociolinguística.

Mollica e Braga (2012) argumentam que

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 67).

As respectivas autoras nos ajudam quando esclarecem sobre o dinamismo inerente às línguas e seus aspectos heterogêneos e quando citam exemplos de variações encontradas no português brasileiro: “*eles estudam - eles estuda*”, “*flamengo - framengo*”. Delimitam, também, o foco sobre a preocupação da Sociolinguística com a variação e diferem as noções de variante (forma linguística alternativa) e de variável (fenômeno em variação ou grupo de fatores). Ressaltam também que cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, bem como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

¹³ Antoine Meillet [1866-1936] foi um linguista francês. Um dos principais nomes da linguística do século XX, ele iniciou seus estudos na Universidade de Paris, onde foi influenciado pelas ideias de Michel Bréal [1832-1915], Ferdinand de Saussure [1857-1913] e dos membros da revista L'Année Sociologique (Fonte: Wikipédia).

Mencionam, ainda, que as línguas apresentam duas forças que atuam conjuntamente: uma que prima pela heterogeneidade e outra que exhibe unidade em meio a tal heterogeneidade. Por fim, citam os fatores sociais de estigmatização e de prestígio, que geralmente estão presentes entre variantes de uma mesma língua, e a busca dos estudos sociolinguísticos que oferecem contribuição no sentido de se destruir preconceitos linguísticos.

Alkmim (2019), com propriedade, complementa:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito ao uso linguístico. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas sim por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras (ALKMIM, 2019, p. 33).

Algumas considerações evidenciam a relevância das variações linguísticas. Silva (2012), por exemplo, afirma que,

Ao estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se (SILVA, 2012, p. 67).

O argumento empregado nesse recorte está calcado na ideia de que as condições culturais devem ser modulares para que haja variação e essas variações são evidenciadas na medida em que os falantes empreendem suas atividades corriqueiras.

Ao se iniciar as pesquisas nessa área, observou-se que a oralidade estava atrelada às diferenças de pronúncia. Focamos nas que estavam postas num ambiente explicitamente marcado socialmente e que configuravam a interação. No ato de desenvolvimento das pesquisas, foram considerados, além dos aspectos puramente sociais e as influências de variáveis (ou grupos de fatores) internas, também os de natureza linguística (fonológicos, morfofonológicos, sintáticos, semânticos etc.).

A partir dessas considerações, que definem cronologicamente o avanço dos estudos sobre oralidade e seu ambiente de gênese, veremos, a seguir, os tipos de variações que sustentam os aspectos da oralidade:

- I. A variação regional ou diatópica, também conhecida como geográfica, pela qual podemos identificar a origem da pessoa pelo modo como fala. Torna-se possível identificar o falante, que carrega marcas linguísticas, de acordo com região a que ele pertence - sul, norte, nordeste etc.;
- II. A variação social ou diastrática são as que ocorrem em virtude da convivência entre grupos sociais;
- III. A variação estilística ou diafásica está relacionada ao contexto comunicativo. Um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas, a depender da situação em que se encontra. Quando usamos a linguagem com nossos amigos, é diferente de quando falamos com nossa família porque exercemos outro tipo de papel social;
- IV. A variação diacrônica, que, na compreensão de Illari e Basso (2017), é compreendida, pois que todas as línguas estão sujeitas à variação diacrônica, isto porque a língua tem uma história externa que diz respeito à evolução ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística. As línguas têm também uma história interna que diz respeito às mudanças que ocorrem em sua gramática - fonologia, morfologia, sintaxe - e em seu léxico. Percebe-se a evolução da história externa da Língua Portuguesa ao estudar sua formação como língua românica e sua difusão pelas terras descobertas pelos portugueses e vemos alguns detalhes da história interna da Língua Portuguesa quando estudamos propriedades linguísticas de textos de diferentes épocas. A variação diacrônica é, às vezes, percebida ao comparar gerações. Por exemplo, todos nós conhecemos gírias que, embora compreensíveis, soam como manifestações orais antigas, como também é comum o caso de gírias compreensíveis apenas aos mais velhos ou aos mais novos. Um caso particular de variação diacrônica é a gramaticalização, isto é, o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais. Um exemplo clássico de gramaticalização em português é a formação do pronome *você* - essa palavra remonta a *Vossa Mercê*, *via Vosmecê*. Era, na origem, uma expressão de tratamento como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*; hoje, entretanto, é um pronome de tratamento e nessa função suplantou o antigo pronome de segunda pessoa *tu* numa grande área do território brasileiro;

- V. O processo inverso de gramaticalização é a lexicalização. Esse processo acontece, por exemplo, quando dizemos que um trabalho apresenta vários *senões*, ou quando pedimos a alguém que deixe de *entretanto* e passe aos *finalmentes*;
- VI. A variação diamésica compreende as diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita; uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita;
- VII. Para Faraco e Zilles (2017, p. 12-13), “a norma equivale à variedade linguística” e há duas definições: na primeira, estamos diante da realidade linguística no universo das inter-relações sociais de uma comunidade de fala, conquanto que na segunda, estamos perante uma tentativa de homogeneização, de controle do comportamento linguístico dos falantes.

Existem as variações internas e externas, que estão relacionadas ao contexto em que se estruturam. A variação linguística não é aleatória, a língua é um sistema organizado - tão organizado que os falantes se entendem. A língua varia e esse fenômeno é decorrente de fatores que estão presentes na sociedade, além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua. Diante disso, é possível afirmar que existem regras que a regem e é por isso que os falantes se compreendem entre si. Existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar de maneira específica. A essas forças damos o nome de condicionadores, que regulam e condicionam nossa escolha entre uma e outra variante. Os condicionadores se dividem em dois grandes grupos em função de serem mais ligados a aspectos internos e externos da língua. No primeiro caso, são chamados de condicionadores linguísticos, e no segundo caso são os condicionadores extralinguísticos.

Os condicionadores linguísticos, ligados aos aspectos internos da língua são a variação lexical, fonológica, variação morfofonológica, morfológica, morfossintática, variação sintática e variação discursiva. A variação lexical está quase sempre associada à variação regional, mas também pode estar associada a situação mais formal ou menos informal, ou seja, à variação estilística.

É importante salientar, neste trabalho, os aspectos das variações antes do que somente explicitar a oralidade. Nessa perspectiva,

Há ainda outras questões para uma correta definição de língua falada. Por exemplo, observar fenômenos de variação ou aspectos pontuais como o emprego do verbo *ter* pelo *haver* (“Tem muita gente na rua”), a troca de preposições em expressões como em “ir de a pé”, “sair de quatro”, “afirmar de que” ou a substituição da forma sintética do futuro “comprarei” pela composta “vou comprar”, as reduções morfológicas do tipo “pro”, “pra”, “tô”, “tá”, “vô” e outras (Marcuschi, 2007, p. 72).

As maiores contribuições para o estudo da variação lexical têm sido oferecidas a partir de estudos geolinguísticos em diferentes regiões do Brasil, que deu origem ao “Atlas Linguístico do Brasil”¹⁴. Os estudos que unem a metodologia da Geolinguística e da Sociolinguística, chamados de Geossociolinguística, tem suma importância para dar conta de fenômenos lexicais, como fenômenos fonológicos, morfológicos e morfossintáticos em variação.

As construções sintáticas estão em variações no português falado no Brasil e são condicionadas principalmente por fatores extralinguísticos. Seus resultados indicam que a relativa padrão (O filme a que me referi é muito bom) deixa de ser usada na linguagem espontânea; sua substituta é a chamada “relativa cortadora” (BISPO, 2003, p. 163): (O filme que me referi é muito bom), enquanto a relativa com pronome lembrete (O filme que me referi a ele é muito bom) é geralmente utilizada por falantes menos escolarizados.

A variação discursiva se configura na medida em que há palavras utilizadas para encadear trechos discursivos, o que a faz desempenhar um papel de conectores usados na fala e na escrita - conjunções: e, mas, porque, portanto etc.; e expressões de natureza adverbial: aí, assim, afinal, então, conseqüentemente, quanto a, por outro lado etc. Os marcadores discursivos são elementos que atuam no encadeamento coesivo das partes de um texto.

As variações externas ou extralinguísticas são as variações regionais, variações sociais, variações estilísticas e variações diamésicas, mas interessa-nos discutir, particularmente, as de cunho social, já mencionadas no corpo do presente trabalho. As variações sociais ou condicionadores sociais são assim chamados quando a fala pode refletir diferenças sociais dos falantes. Os fatores determinantes estão ancorados no grau de escolaridade, ou seja, os falantes que frequentam mais tempo a escola utilizam mais a concordância padrão em suas falas. O nível

¹⁴ CARDOSO, Suzana Alice Marcelino [1937-2018] *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina, PR: Eduel (Editora da Universidade Estadual de Londrina), 2018. 2 v.

socioeconômico também é um fator determinante, pois o grupo social menos favorecido utiliza variantes não padrão da língua. Estudos mostram que mulheres são mais conservadoras que os homens e preferem usar variante mais valorizada socialmente, o que determina variações no ambiente da materialização do gênero sexual. Finalmente, “a variação por faixa etária ou diageracional, isto é, de falantes mais velhos, que preferem formas mais antigas de falar, e de falantes mais jovens, que preferem formas novas de falar” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 47).

A formulação teórica a respeito dos tipos de variações e das variações internas e externas sustentam a ideia de que, na língua, há um dinamismo inerente. De acordo com Mollica e Braga (2012), as línguas mudam com o tempo e essas mudanças não se processam de maneira instantânea ou abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse e falasse de maneira diferente da do dia anterior. De fato, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou de camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais, que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público.

Naro (2012) menciona a preferência do uso de “a gente” ao uso de “nós” pelos mais jovens. Faz distinção também entre mudança em tempo aparente e mudança em tempo real, a partir das noções trazidas por Labov. Para o tempo aparente, assume-se uma estabilidade na fala dos indivíduos a partir dos 15 anos de idade e, indiferentemente de os indivíduos estarem com 40 ou 70 anos, eles mantêm, de forma geral, as formas linguísticas de quando tinham 15 anos. Assim, diferente da mudança em tempo aparente, que é observada pelo comportamento linguístico de diferentes gerações num mesmo espaço de tempo, a mudança em tempo real é captada pelo comportamento linguístico ao longo de diferentes períodos.

Para os pesquisadores em Sociolinguística, é evidente que, ao observar como se revelam as interações sociais pela linguagem, o elemento social ganha destaque, pois a interação se dá pelo grau, justamente, de interação que há entre os pares. Nesse sentido, há que se fazer uma pergunta: Os tipos de variações podem se configurar em um fator social?

Com o objetivo de responder essa pergunta, Preti (1987) diz que o caráter social de uma língua já parece ter sido fartamente demonstrado e é entendido como um sistema de signos convencionais que facultam aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação. Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens.

CAPÍTULO III A CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO

A oralidade e a escrita são práticas muito importantes para o processo de interação humana e atualmente elas são discutidas e trabalhadas, principalmente em salas de aula, nos mais diversos níveis de escolaridade.

Fávero, Andrade e Aquino (2012) relembram que, historicamente, a escrita, sobretudo a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, já que a fala é instável. Entretanto, com os estudos do texto, o processo pelo qual passam os falantes durante a interação, numa conversa, numa entrevista, por exemplo, é posto em análise em detrimento do conteúdo, de forma a fazer que essa visão que reduzia a fala como uma modalidade menor da língua fosse repensada. Assim, o caráter interativo de todo evento conversacional mostra que existe certa normatização relativa às variantes linguísticas, ou seja, é possível apontar elementos fundamentais que caracterizam a fala como uma produção interativa e organizada da qual cada participante está envolvido no processo de construção do texto.

No entanto, a fala e a escrita não devem ser vistas como formas diferentes, como era comum no passado e por vezes acontece ainda hoje. Postula-se que os diversos tipos de práticas sociais e de produção textual se encontram num *continuum* tipológico, em cujas extremidades estariam a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. Nesse sentido, “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 1995, p. 13¹⁵ *apud* KOCH; ELIAS, 2014, p. 14).

Koch e Elias (2014) aprofundam essa questão e complementam:

Para situar as diversas produções textuais ao longo desse contínuo, pode-se levar em conta, além do critério do meio, oral ou escrito, o critério da proximidade/distância (física, social etc.), bem como o envolvimento maior ou menor dos interlocutores. Assim, num dos polos estaria situada a conversação face a face, no outro, a escrita formal, como os textos acadêmicos, por exemplo. O que se verifica, porém, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos publicitários e textos de humor, por exemplo). Da mesma forma que muitos textos escritos se situam no polo da fala, também existem muitos textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), havendo ainda os tipos mistos, além de muitos outros intermediários (KOCH; ELIAS, 2014, p. 15).

¹⁵ MARCUSCHI, Luiz Antônio [1946-2016]. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. *In*: Encontro de língua falada e ensino, I., 1995, Maceió. **Anais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1995. p. 13.

Nossas gramáticas também tratam as relações entre fala e escrita, que têm como parâmetro a língua escrita. Esse fato tem gerado uma postura polarizada e, por vezes, preconceituosa. Segundo Marcuschi (1993, p. 63¹⁶) *apud* Vargas Júnior (2020), “os gramáticos imaginam a fala como lugar do erro, incorrendo no equívoco de confundir a língua com a gramática codificada”.

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino da língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno quando chega à escola já domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à apresentação gráfica dos sons.

Diante disso, Marcuschi (2004) define o que seria oralidade, letramento, fala e escrita. A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta de variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a uma realização mais formal nos mais variados contextos de uso. O letramento envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade e pode ir desde uma mínima apropriação da escrita, tal como um indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, mas não escreve cartas e nem lê jornais regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral. A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

Os conceitos estudados em nosso trabalho a partir das teorias que sustentam o movimento da fala para a escrita como uma atividade de retextualização, o movimento da oralidade e escrita como um modelo que elenca perspectivas para o ensino da língua materna, da análise da conversação juntamente com a análise do ensaio “O Turno Conversacional”, de Galembeck (2010), proporcionaram uma ótima

¹⁶ MARCUSCHI, Luiz Antônio [1946-2016]. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Mimeo., 1993. p. 63.

aquisição quanto aos princípios teóricos relacionados ao processo interacional-conversacional presente num texto falado. Nesse sentido, vale descrever o conceito de Marcuschi (2004), ou seja, a materialização oral (enquanto manifestação da prática oral), objetada de maneira natural nos contextos menos formais do cotidiano e na interação social (dialógica) que se estabelece, por exemplo, no momento inicial no qual a mãe sorri pela primeira vez para seu bebê.

Sabe-se que, em contextos interacionais informais, os interlocutores não planejam seus discursos. Isso proporciona ao pesquisador uma vasta dimensão de elementos que somente encontramos na interação conversacional não monitorada. Fatores não verbais como os gestos, os movimentos corporais e os sussurros conectados com outros marcadores verbais são fundamentais para consolidação do processo comunicacional. Esses marcadores não são encontrados na língua escrita, daí a diferença entre essas duas modalidades do processo comunicacional, tão importantes para a interação com o interlocutor.

3.1 Marcadores conversacionais

Os marcadores conversacionais são elementos típicos da fala e servem para dar coesão e coerência no texto falado:

A expressão marcador conversacional serve para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala. Podem ser produzidos tanto pelo falante como pelo ouvinte [...] (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 47).

Para Marcuschi (2008), os marcadores conversacionais são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas. Estabelecem relações estruturais e linguísticas entre organização da conversação em turnos (marcadas pela troca de falantes) e a ligação interna em unidades constitutivas do turno.

Os marcadores conversacionais subdividem-se em três tipos de evidências: (a) verbais, (b) não-verbais e (c) suprasegmentais. As funções servem de elo entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si. Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Os marcadores conversacionais operam como iniciadores ou finalizadores de unidades comunicativas.

A unidade comunicativa pode ou não coincidir com a frase, ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode se dar, mas não necessariamente, numa

unidade sintática, como a frase. As unidades comunicativas são constituídas por elementos estruturantes, como entonação e elementos lexicais ou paralexicais.

Em relação aos fatos gramaticais, esses sinais são importantes por concorrerem com certa frequência com determinados fatos gramaticais, como a elipse, o anacoluto, os parênteses etc. Isso os coloca em posição de relevância como marcadores sintáticos com motivação comunicativa.

Os recursos verbais, que operam como marcadores, formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas de grande ocorrência e recorrência e não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-nos no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Alguns não são sequer lexicalizados, tais como “mm”, “ahã”, “ué” e muitos outros.

Os lexicalizados “sabe?” (simples), “entende?” (simples), “eu acho que...” (oracionais), “quer dizer” (complexo ou composto), “eu tenho a impressão de que” (oracional), “mas acho que” (combinado) são elementos vazios ou esvaziados de conteúdo semântico.

Os recursos não-verbais, ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, interação face a face, estabelecem, mantêm e regulam o contato.

Os recursos suprasegmentais são de natureza linguística, mas não de caráter verbal. Os mais importantes são as pausas e o tom de voz. As pausas podem ser curtas, médias ou longas e constituem fator decisivo na organização do texto conversacional; podem aparecer no início do turno (como hesitações ou pausas preenchidas) e propiciar mudança de turno.

Muitas vezes, em conversações informais pessoais, as pausas propiciam mudanças de turno, ou seja, marcadas pela troca de falantes. Nos monólogos, as pausas longas têm uma função cognitiva ao operarem como momento de planejamento verbal ou organização do pensamento.

De acordo com Rath (1979, p. 96-97¹⁷) *apud* Marcuschi (2008, p. 63-64), “as pausas se dividem em pausas sintáticas e não sintáticas”.

¹⁷ RATH, Rainer. **Kommunikationspraxis**: Analysen zur Textbildung u. Textgliederung im gesprochenen Deutsch. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1979. p. 96-97.

As pausas sintáticas são de ligação e separação:

Pausas sintáticas de ligação: vindas por vezes no lugar de um conector qualquer, como “e”, “então”, “mas” (p. 64) - funcionam para construção interna da unidade sem iniciar propriamente uma nova.

Pausas sintáticas de separação: delimitam ou separam unidades comunicativas - após um sinal de fechamento de unidade ou abaixamento do tom de voz.

3.2 Pausas de hesitação e de ênfase (não sintáticas)

As pausas de hesitação podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não - servem para o planejamento verbal; têm motivação cognitiva.

As pausas de ênfase têm valor de sinalizadores de pensamento, com a finalidade de reforçar ou chamar a atenção. Muitas vezes, aparecem entre o artigo e o nome ou no interior de um sintagma.

De acordo com Rath (1979, p. 97¹⁸) *apud* Marcuschi (2008, p. 64), “as pausas de separação e de hesitação podem às vezes ter a mesma função sintática e algumas pausas de hesitação têm por vezes função semelhante às de ligação”.

Os fenômenos de hesitação (repetições, pausas meditativas, preenchidas), como indicadores da esfera do planejamento cognitivo do texto em oposição aos sinais de separação, aparecem no momento que o texto se organiza tal como passagem do tópico para outro, na hora de apresentar o argumento, e assim por diante. Quando as hesitações ocorrem no início da unidade comunicativa, acarretam também cortes no plano linguístico.

O aspecto semântico dos marcadores conversacionais:

De acordo com Urbano (2010), a maioria dos elementos extraídos de transcrição são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico. Em primeiro lugar, estão os elementos prosódicos; em segundo, os elementos verbais não lexicalizados, como “eh, ah, ah, ahn” (p. 100); em terceiro, os elementos lexicalizados, como “**sabe? e certo?**” (p. 87 - grifos do autor). Na afirmação de Castilho (1986, p. 38¹⁹) *apud* Urbano (2010, p. 100), “são execuções verbais esvaziadas, às vezes, de conteúdo

¹⁸ *Ibid.*, p. 97.

¹⁹ CASTILHO, Ataliba Teixeira de [1936]. 1986. p. 38. [sem demais informações bibliográficas fornecidas por Urbano (2010)].

semântico e de papel sintático, irrelevantes para o processamento do assunto”. No entanto, os vocábulos que, embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem aqui como estratégia para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor.

Por outro lado, Urbano (2010) ressalta que expressões como “**eu acho que, eu tenho a impressão de que**” (p. 100 - grifos do autor) continuam válidas semanticamente, mas a informação que essas impressões passam nem sempre colaboram diretamente com o conteúdo referencial do texto como estrutura tópica. Na realidade, referem-se à postura do falante em relação ao “dito” (p. 100), ou mais precisamente, ao que vai dizer.

O autor também afirma sobre um quinto elemento com maior ou menor grau de parcela do seu sentido. Com efeito, ele mantém parcialmente o sentido e a função sintática originais e assume, por acréscimo, uma função pragmática. É o caso de palavras como o “assim” (p. 100), que continuam mais ou menos presas a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo que ligam à enunciação, com função modalizadora, o que sinaliza hesitação ou dúvida do falante.

Aspecto sintático dos marcadores conversacionais:

Para Urbano (2010), deve-se levar em conta os marcadores verbais lexicalizados ou não, cujas emissões completas por si e autônomas entonacionalmente, caracterizam a uns e outros, a partir disso, total independência sintática. São marcadores (lexicalizados) do tipo “sabe?, certo?, né?, ah, eh, uhn” (p. 102). Para os marcadores verbais não lexicalizados: emissões do ouvinte “ahn”, “uhn”, “eh” (p. 102), pronunciados em turnos autônomos, há as emissões do falante, como “ah, ahn, eh etc.” (p. 102).

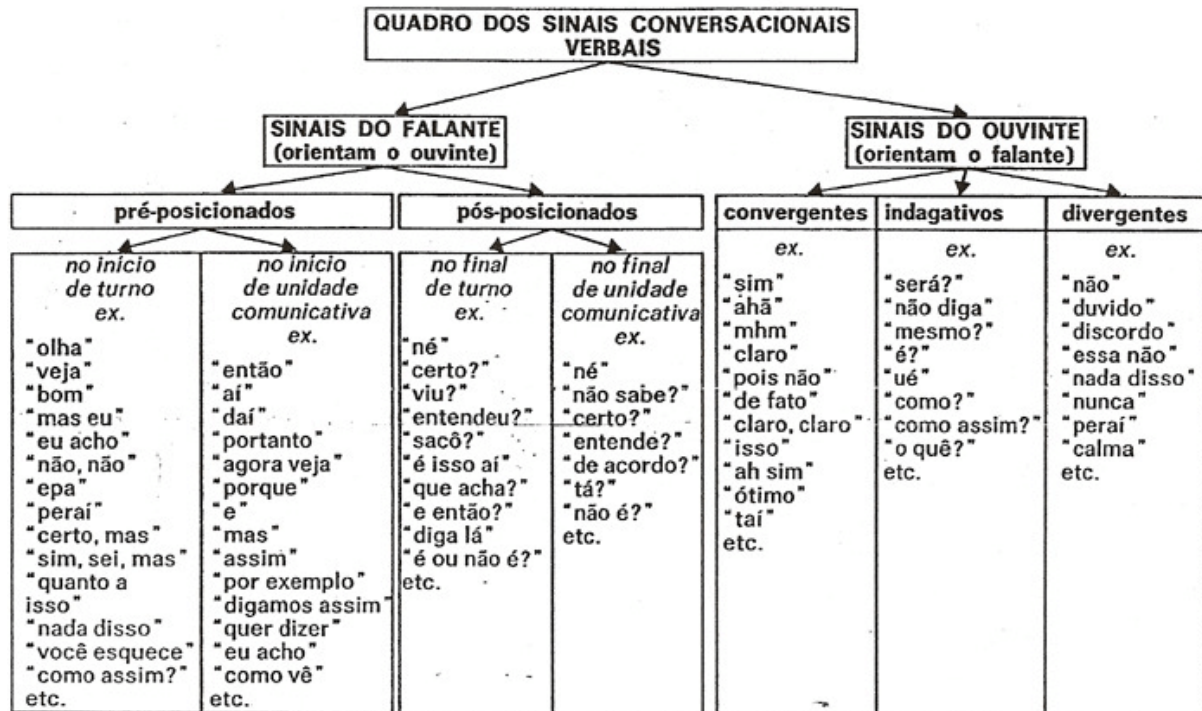
Tipos, funções e posições dos marcadores:

Segundo Marcuschi (2008), somente os sinais verbais podem ser subdivididos em dois grandes grupos de acordo com sua fonte de produção: sinais do falante e sinais do ouvinte. Quanto às funções específicas, cada qual pode ter funções conversacionais e funções sintáticas. Além disso, eles podem vir em várias posições dentro do turno ou na sequência dos turnos.

O autor ressalta que esses sinais são diversos nas várias formas de uso da língua, quer se trate de uma conferência, uma aula, uma entrevista, uma conversa

informal ou formal entre pessoas da mesma condição social ou não. Entende-se que os sinais têm um poder comunicativo imenso, e um ouvinte, mesmo sem entender bem uma língua, é capaz de sustentar um diálogo por longo tempo e emitir corretamente os sinais do ouvinte.

Quadro 1: Sinais conversacionais verbais



(MARCUSCHI, 2008, p. 68)

3.3 Organização da conversação

A interação verbal está condicionada às posições de enunciação dos sujeitos em uma determinada conversa e nosso *corpus* evidencia essa interação de modo que se explicita "face a face". Assim, Preti (2006) diz:

Admite-se, hoje, que a compreensão, na interação verbal face a face, resulta de um projeto conjunto de interlocutores em atividades colaborativas e coordenadas de co-produção de sentido e não de uma simples interpretação semântica de enunciados proferidos (PRETI, 2006, p. 15).

A configuração da interação verbal, portanto, pratica a definição da própria palavra "interação"; entretanto, há um elemento que expande o conceito, isto é, a disposição dos interlocutores em estabelecer o diálogo.

Ao referirmo-nos à disposição dos interlocutores no momento da interação verbal, intentamos também à explicação da negociação dos efeitos de sentidos que

geram a colaboração entre interlocutores configurada, de acordo com Preti (2006), como “projeto conjunto” (p. 19), o que limita, entretanto, a própria negociação, pois “nem tudo é negociável” (p. 19). Princípios, por exemplo, são inegociáveis.

Kerbrat-Orecchioni (2006) assevera que há diferentes correntes quando se fala em análise das interações. Em primeiro lugar, há o enfoque “psicológico e psiquiátrico” (p. 17) que se debruça no tratamento ou reconfiguração de interações deficientes (relações conjugais, relações entre pais e filhos etc.); em segundo lugar, há enfoques etnossociológicos que, no tocante às suas subdivisões, explicita a “etnografia da comunicação” (p. 18), que é uma expansão do conceito chomskyano, que dizia ser suficiente a capacidade de produzir e interpretar a diversidade de frases formadas corretamente, expansão essa que se configura, pois que se estabelece na capacidade de dominar as condições usuais e possíveis que a língua oferece de maneira adequada, “a metodologia” (p. 18), que se refere aos métodos que os integrantes de um determinado grupo social se apropriam para gerenciar problemas de comunicação; ademais, a autora refere-se a outras abordagens sociológicas e coloca em evidência as relativas aos empreendimentos sociolinguísticos de William Labov e Joshua Aaron Fishman²⁰, mas salienta também os estudos, não menos importantes, de Susan Moore Ervin-Tripp²¹ e Erving Goffman²².

Outrossim, ao continuar a tratar das diferentes correntes em análise das interações, Kerbrat-Orecchioni (2006) acrescenta “a abordagem linguística” (p. 23-24), que foi uma recuperação, a partir da década de 1980, dos elementos relativos à conversação empreendidos no discurso; antes disso, entretanto, não havia esse tipo de pesquisa, pois quando discursos eram considerados, eram efetuados a partir de discursos escritos. Finalmente, a autora se refere à “abordagem filosófica” (p. 24). Essa corrente explicita que a abordagem deve ser feita a partir da noção de ato de fala, que foi desenvolvida no universo da Filosofia Analítica Anglo-Saxônica, que retoma “a concepção pragmática do discurso, segundo a qual, dizer é fazer” (p. 24).

Um pequeno recorte para ampliar e esclarecer:

²⁰ Joshua Aaron Fishman [1926-2015] era um linguista americano especializado em sociologia da linguagem, planejamento de linguagem, educação bilíngue e linguagem e etnia (Fonte: Wikipédia).

²¹ Susan Moore Ervin-Tripp [1927-2018] foi uma psicolinguista, sociolinguista e feminista estadunidense. Notabilizou-se por suas pesquisas sobre a relação entre língua e mente, estudando, por exemplo, quais os efeitos cognitivos da fala bilíngue e questões de aquisição de linguagem (Fonte: Wikipédia).

²² Erving Goffman [1922-1982] foi um cientista social, antropólogo, sociólogo e escritor canadense. Foi considerado “o sociólogo norte-americano mais influente do século XX” (Fonte: Wikipédia).

Na filosofia analítica, os pontos em comum são de que o motivo principal da filosofia é a linguagem, e que a ideia que deve ser seguida pela metodologia linguística é a análise lógica. Entre as áreas mais exploradas pelos filósofos analíticos, estão: Filosofia da mente e ciência cognitiva, ética, com a inclusão de questões meta-ética, ética normativa e ética aplicada, religião, filosofia política, questões que falam sobre libertarianismo, liberalismo e comunitarismo, filosofia da ciência, metafísica, filosofia da linguagem, epistemologia e estética (GRUPO ESCOLAR).

No que se refere ao processo interacional, asseveramos que esse se caracteriza pelas estratégias de comunicação usadas por falantes no momento da interlocução. Segundo Preti (2010), ao enfocarmos na evocação do processo interacional, se faz importante salientar os traços que caracterizam os participantes da interlocução, bem como o lugar situacional em que o diálogo acontece, pois essas são razões fundamentais para se compreender o respectivo processo. Ao caracterizar o próprio conceito de interação, ela é, de acordo com o autor,

[...] um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas (PRETI, 2010, p. 220).

Podemos observar que no processo de interação a comunicação acontece, pois sua significação não é estática, mas um processo de construção de sentidos que robustece na medida do desenvolvimento da interlocução, que tem suas bases estabelecidas de acordo com o universo sociocultural no qual os participantes da interlocução estão situados. O mesmo autor, ao se referir às características da abordagem interacional, diz que:

A abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado. Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entonação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões (PRETI, 2010, p. 221).

Assim, as relações que são evidenciadas nas interlocuções são construídas a partir de certos elementos que, sem os quais, não seria possível esse estabelecimento (a presença de mais de uma pessoa, assunto etc.); no entanto, no que tange à possibilidade de análise de determinada interação, devemos observar o que não está na superfície, isto é, há a necessidade de observar o que está a contextualizar o turno de cada interlocutor dentro de seu universo sociocultural, que torna toda a sua

enunciação subjetiva e passível de interpretação, já que a própria interação é um jogo de subjetividade.

3.4 Hesitação

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 59-60), “as hesitações são tidas como um tipo de ‘problema’ que é captado durante sua formulação/linearização, isto é, *on-line*”, que se caracterizam por seu aspecto prospectivo, já que têm como escopo algo que vem depois. A hesitação, pois, seria a pausa, o riso, observados na conversação.

Para Marcuschi (1995²³) *apud* Koch (2014), a hesitação é um indício de dificuldade cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática. Existe em todas as línguas, o que significa que elas têm meios de introduzir no discurso o processo de formulação, quando existem dificuldades: há uma interrupção no fluxo informacional devido a uma má seleção futura, resultado de um enunciado ainda não concluído.

3.5 Correção

De acordo com Castilho (1998, p. 42), “na Língua Falada coexiste o planejamento e a execução linguísticas no tempo real”. Dessa forma, é necessário corrigir o que foi dito. O sistema de correção é uma consequência dessa característica, e implica em eliminar os erros de falhas cometidas contra a norma gramatical. É evidente que nas entrevistas pode-se encontrar tanto uma quanto outra correção, mas nesse nível de análise o que interessa é a correção do rumo da interação. Diante disso, espera-se que não se censure o aluno por deslize contra a norma culta.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012), a correção textual desempenha papel considerável entre os processos de construção do texto e corresponde à produção de um enunciado linguístico (enunciado reformulador - ER) que reformula um anterior (enunciado fonte - EF), considerado errado aos olhos de um dos interlocutores; a correção é assim um claro processo de formulação retrospectiva.

Para Castilho (1998, p. 42), “a correção pragmática tem uma auto-correção, acionada para abortar um ataque ao turno, ou uma hetero-correção, acionada para

²³ MARCUSCHI, Luiz Antônio [1946-2016]. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. *In*: Encontro de língua falada e ensino, I., 1995, Maceió. **Anais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1995.

tomar o turno”. Esses mecanismos conversacionais funcionam também para reparar as infrações na distribuição do turno.

Barros e Melo (1990, p. 43) afirmam que “a auto- e hetero-correção devem correlacionar-se com o tipo de diálogo” e que “os diálogos assimétricos exibem um número maior de auto-correções”. Constataram 84% de autocorreção nesse tipo de diálogo contra 16% de heterocorreções. Isso significaria um grau maior de reflexão sobre a produção linguística própria. Os autores previnem para se ter cuidado, visto que só podemos obter respostas quando as características conversacionais forem exaustivamente descritas em textos quantitativamente idênticos, representativos em iguais proporções das duas modalidades de diálogos.

CAPÍTULO IV ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ESCRITA

A escrita foi inventada pelos sumérios, por volta do quarto milênio a.C, em Uruk, região da Mesopotâmia. A história da escrita começou com uma forma de grafar, chamada cuneiforme, um tipo de escrita pictográfica (representada por desenhos), que caracterizava o tipo de escrita praticado com um objeto feito de cunha. Era representada por 2.000 símbolos, escritos da direita para a esquerda. Durante três mil anos, a escrita cuneiforme foi utilizada por cerca de quinze diferentes línguas (incluem-se os falantes sumério, o sírio e o persa) e enquanto ela se expandia pelo Oriente Médio, outras formas de escrita eram desenvolvidas no Egito e na China.

No que se refere ao aprendizado da fala, essa inicia logo nas primeiras semanas de vida da criança e, de acordo com Marcuschi (2004), a escrita foi criada tardiamente em relação ao surgimento da oralidade; ela permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou. Até mesmo os analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou a chamar de práticas de letramento, isto é, um tipo de processo histórico e social, que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional.

Marcuschi (2004) ressalta, ainda, que o letramento não é equivalente à aquisição da escrita, visto que existem letramentos sociais que surgem e se desenvolvem à margem da escola, que não precisam, por isso, ser depreciados. A escrita é utilizada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade. Os contextos são: o trabalho, a escola, o cotidiano, a família, a vida burocrática e a atividade intelectual. Nesses contextos, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Essas relações entre escrita e contexto fazem surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. O autor discute também que seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade e até mesmo para orientação na seleção dos textos e definições de níveis de linguagem para conduzir os seus trabalhos.

Bagno (2013) *apud* Oliveira (2015), corrobora com Marcuschi (2004) e acrescenta:

É papel do professor de língua portuguesa promover a reeducação sociolinguística dos alunos, independentemente de estarem matriculados em instituições públicas ou particulares, para se formar cidadãos que tenham noção da complexidade da dinâmica social e de seu estar no mundo como sujeitos que devam ter seus direitos sociais e sua cidadania garantidos. No ambiente escolar, a criança se depara com usos linguísticos que, na maioria das vezes, não fazem parte do seu convívio familiar. O aluno acaba percebendo que precisa aprender novidades sobre a língua, pois está sujeito ao julgamento social, ou seja, ele pode ser avaliado em determinadas situações do dia a dia ao interagir com os outros (BAGNO, 2013²⁴ *apud* OLIVEIRA 2015, p. 51).

4.1 Breve histórico do texto

Segundo Koch (2014), a elaboração de um primeiro modelo textual foi desenvolvida por Horst Isenberg em 1976²⁵, que propôs um método apto para descrever a geração - e também a interpretação e análise - de um texto, desde a estrutura pré-linguística da intenção comunicativa até a manifestação superficial, que inclui fundamentalmente as estruturas sintáticas, mas que pode ser ampliado aos níveis inferiores - morfológico, fonológico etc. Para Isenberg, o texto pode ser encarado sob sete aspectos diferentes, ou seja: (i) a legitimidade social, isto é, o texto como manifestação de uma atividade social legitimada pelas condições sociais; (ii) funcionalidade comunicativa, ou texto como unidade de comunicação; (iii) semanticidade, isto é, texto em sua função referencial com a realidade; (iv) referência à situação, ou texto como reflexo de traços da situação comunicativa; (v) intencionalidade, ou texto como uma forma de realização de intenções; (vi) boa composição, ou melhor, texto como sucessão de unidades linguísticas selecionadas e organizadas segundo um plano de composição; (vii) gramaticalidade ou texto como sucessão de unidades linguísticas estruturadas segundo regras gramaticais.

Dessa forma, os vários aspectos são apresentados numa ordem tal que cada um deles pressupõe os anteriores.

4.2 Aspectos organizacionais do texto escrito

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2012), o texto escrito, bem como o texto falado, envolve um objetivo ou intenção do locutor. Contudo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. A unidade do texto escrito é composta de um

²⁴ BAGNO, Marcos [1961]. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino do português. São Paulo: Parábola, 2013.

²⁵ ISENBERG, Horst. Überlegungen zur texttheorie. In: IHWE, J. (ed.) **literaturwissenschaft und linguistik I**. Frankfurt: Athenäum, 1971. p. 155-172.

ou mais períodos reunidos em torno de ideias estritamente relacionadas. Um texto bem produzido, em geral, a cada parágrafo deve relacionar uma ideia importante, e não há normas rígidas para a paragrafação.

4.3 A construção do texto escrito

Para a produção do texto escrito, três grandes sistemas de conhecimento linguísticos são fundamentais, isto é, o conhecimento linguístico, enciclopédico e o sociointeracional. O conhecimento linguístico compreende o conhecimento gramatical e o lexical e é responsável pela articulação entre o som e o sentido. É ele incumbido pela organização textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar remissão ou sequenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados. O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo; trata-se, também, do conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo). O conhecimento sociointeracional é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação por meio da linguagem. Esse conhecimento engloba os do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

A coesão textual é imprescindível na construção do texto e é responsável pelos sentidos presentes em sua superfície. É, ainda, “definida como um conjunto de recursos léxico-gramaticais destinados a prover e assinalar a interligação semântica entre os diferentes segmentos que compõem a superfície do texto” (KOCH, 2014, p. 12-13).

4.4 O contínuo tipológico

Para Marcuschi (2004, p 37-38), “a diferença entre fala e escrita se dá dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não da relação dicotômica de dois polos opostos”. Há textos falados que se assemelham à escrita e há textos escritos que se assemelham à fala. Assim, um determinado gênero da fala, por exemplo, uma conversa espontânea, representaria uma espécie de protótipo de modalidade, mas não é aconselhável compará-lo com um gênero escrito, tal como o que seria o protótipo da escrita, por exemplo, uma conferência acadêmica num congresso. Na realidade, temos uma série de textos produzidos em condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos das duas

modalidades. Os textos se entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos.

Para finalizar, Marcuschi (2004) diz que, além disso, há aspectos centrais que impossibilitam de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema de língua. São, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferença acentuadas de tal modo que a escrita representa a fala. Enfim, os textos orais têm uma realização multissistêmica (palavras, gestos, mímicas etc.) e o textos escritos também não se circunscrevem apenas aos alfabetos (envolvem fotos, ideogramas, ícones de computador e grafismo de todo o tipo). Diante disso, fica claro que tanto a fala como a escrita apresentam um contínuo de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia. Desse modo, a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar dicotomia estritas.

CAPÍTULO V ORALIDADE E ESCRITA NA REDAÇÃO DE ALUNOS

No presente capítulo, empreendemos a análise das amostras selecionadas, com vistas à aplicação dos conceitos anteriormente elencados no que se refere à influência da oralidade na escrita. Nosso *corpus*, como explicita a introdução do presente trabalho, são redações escolhidas no ambiente de uma escola pública situada na região da Grande São Paulo.

A proposta do gênero redação escolar para a realização das dissertações analisadas é o dissertativo-argumentativo, pois, além de ser o mais trabalhado nas escolas, visa a fornecer treinamento conveniente aos alunos, de modo que esses possam convencer e persuadir o leitor a concordar com suas ideias. O respectivo gênero e sua tipologia se fazem importantes porque possibilitam ao aluno o exercício da crítica e reflexão diante dos assuntos constituintes de nossa sociedade e são tratados na temática geral de nosso *corpus*.

A seguir, apresentamos as 5 redações selecionadas e, respectivamente, as análises efetuadas. O tema determinado, ***O Analfabetismo Funcional***, aplica-se a todas as redações. Ao final da dissertação, em “Anexos”, encontram-se as redações manuscritas, com as marcas de correção e observação do professor.

Quadro 2: Texto 1

REDAÇÃO
<p><i>Lado a lado pelo analfabeto.</i></p> <p><i>Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto. Embora eles tenham um entendimento em letras e números, não os ajudam a interpretar o que se pede. No entanto existem maneiras de mudar tal problema, caso contrário aumentara radicalmente.</i></p> <p><i>Ao analisar os fatos, 75% da população entre 15 e 64 são analfabetos funcionais. O Inaf tem aplicado testes avaliando as habilidades de leitura. Você precisa saber que, no país que vivemos ler é fundamental. Observando a dificuldade do indivíduo, e levando em consideração que tenhamos paciência em ensiná-los.</i></p> <p><i>O analfabetismo funcional é intrínseco, eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos perspicaz, seriam soluções viáveis, a final vivemos em sociedade, é inquestionável a importância do trabalho em conjunto, devemos andar juntos, lado a lado, para atingirmos um nível adequado de alfabetização.</i></p>
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE
Nível de Linguagem
<p>1 Linguagem coloquial, informal e popular:</p> <p>Observa-se que o aluno tem conhecimento da tipologia textual necessária para a interação e, por isso, evita características da oralidade. Ressalte-se, porém, que o emprego de pronomes inadequados para substituir o nome anterior é característico da oralidade: “O analfabetismo funcional” é substituído por “eles”, numa metonímia inadequada, que desmonta a coerência e a coesão textual:</p> <p>a) [...] <i>observa-se um índice de analfabetismo funcional alto. Embora <u>eles</u> tenham um entendimento [...].</i></p> <p>b) <i>O analfabetismo funcional é intrínseco. <u>Eles</u> devem ter uma rigorosa atenção.</i></p> <p>O educando confunde, então, “analfabetos” com “analfabetismo”, em evidente sinal de sintaxe não planejada, característica da oralidade.</p>
<p>2 Grau de subjetividade:</p> <p>O educando inicia o texto com observações sobre o analfabetismo funcional. Separa-se dos “analfabetos” por meio do uso do pronome “eles”. Inclui-se, porém, logo a seguir, entre os “conscientes”:</p> <p><i>Devemos andar juntos, lado a lado, para atingirmos um nível adequado de alfabetização.</i></p> <p>Na perspectiva interacional, é interessante verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado. Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer. Há, no texto do aluno, nítida hierarquização social, explicitada pelo uso confuso dos pronomes pessoais.</p>
<p>3 O aspecto informal:</p> <p>Embora procure realçar o tom formal, o autor vale-se de características de linguagem menos formal ao chamar o leitor de “você”. Como marca característica da oralidade, emprega o uso do pronome “você” (e, assim, desvincula-se do “nós”, exemplificado na frase a seguir):</p> <p><i>Você precisa saber que, no país que vivemos ler é fundamental.</i></p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 2
<p>4 Marcadores conversacionais:</p> <p>O aluno tem consciência dos recursos necessários à elaboração de um texto escrito e, por isso, não se vale de marcadores conversacionais característicos da fala. A pontuação, porém, e o uso inadequado do gerúndio denotam hesitação, característica da oralidade:</p> <p>[...] <i>ler é fundamental, Observando a dificuldade do indivíduo e levando consideração</i> [...].</p> <p>Com dificuldade de coesão por sintaxe não planejada, o aluno vale-se do gerúndio e denota hesitação nas pausas sintáticas de ligação, sobretudo na de separação que delimita ou separa unidades comunicativas - após um sinal de fechamento de unidade ou abaixamento do tom de voz. A despeito da consciência da constituição do texto dissertativo e da necessidade de afastar-se da oralidade informal, o aluno ainda deixa marcas, na escrita, que estão mais próximas da construção oral.</p>
<p>5 Marcas de aproximação:</p> <p>Como exemplificado anteriormente, o uso dos pronomes pessoais, utilizados de forma inconstante e nem sempre correta, demonstram afastamento e proximidade:</p> <p>a) <i>Todos sabem</i> b) [...] <i>nosso país</i> c) <i>Embora eles tenham</i> d) <i>Você precisa</i> e) [...] <i>que (nós) tenhamos paciência</i> f) [...] <i>eles devem ter</i></p> <p>[...] <i>para (nós) atingirmos</i></p>
Sintaxe Não Planejada
<p>1 Repetições desnecessárias:</p> <p>O autor evita repetições e, assim, denota consciência da elaboração do texto escrito. Há, porém, problemas sintáticos que revelam uma fase de aquisição da norma culta e ressaltam problemas de concordância e coesão que são observados mais comumente na oralidade.</p>
<p>2 O estilo do autor denota preferências por construções coordenadas, mais próximas da oralidade:</p> <p>a) <i>Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto</i> [...]. b) <i>O analfabetismo funcional é intrínseco</i>, [...].</p>
<p>3 Concordância popular:</p> <p>O aluno se equivoca na concordância e, como é comum na oralidade, não faz o verbo concordar em número e pessoa quando o sujeito é composto:</p> <p>[...] <i>eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos perspicaz, seriam</i> [...].</p>
<p>4 Regência popular:</p> <p>Observa-se a presença de uma regência popular em:</p> <p><i>Você precisa observar que, no país que vivemos</i> [...].</p> <p>O aluno omite o “em”, necessário para situar o lugar: <i>país [em] que vivemos</i>. O verbo “viver”, no contexto, exigiria a preposição, pois, quem vive, vive <u>em</u> algum lugar. A regência utilizada pelo aluno é comum na oralidade quando é exigido o uso do pronome relativo com antecedentes.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 2
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA
Nível de Linguagem
<p>1 O aluno esforça-se em fazer uma reflexão crítica, em tom formal, no nível culto. Deslizes de concordância e regência, porém, denotam dificuldades muito comuns na tentativa de transformar o pensamento em linguagem culta:</p> <p>a) <i>métodos perspícaz.</i> b) <i>no país que vivemos.</i></p> <p>Ligações entre frases inadequadas e problemas de concordância:</p> <p>[...] <i>ler é fundamental. Observando a dificuldade do indivíduo, e levando em consideração que tenhamos paciência em ensiná-los.</i></p>
<p>2 Grau de impessoalidade:</p> <p><i>Todos sabem que, em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto [...].</i></p> <p>O aluno compreende que para escrever o texto dissertativo-argumentativo é necessário omitir os agentes dos discursos e se distancia do assunto abordado, isto é, ele faz uso da impessoalidade.</p>
<p>3 Grau de formalidade:</p> <p>Segundo Bechara (2015, p. 173), “no português brasileiro existem formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento: você, vocês (no tratamento familiar); o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)”.</p> <p>O uso do pronome “você” é uma forma muito comum no Brasil no relacionamento informal quando um dos interlocutores é mais velho ou hierarquicamente superior. São as chamadas formas nominais como “senhor” e “senhora”.</p>
<p>4 Tentativa de distanciamento entre escritor e ouvinte:</p> <p><i>Ao analisar os fatos, 75% da população entre 15 e 64 são analfabetos funcionais.</i></p> <p>É considerada analfabeta funcional a pessoa que, mesmo ao ler e escrever algo simples, não tem as competências necessárias para satisfazer as demandas do seu dia a dia e viabilizar o seu desenvolvimento pessoal.</p> <p>O aluno se vale de dados estatísticos para comprovar a tese que defende. Estrutura, então, o argumento por meio de um recurso retórico- argumentativo ligado às provas extrínsecas.</p> <p>O aluno apresenta uma reflexão sobre os dados estatísticos oficiais do Inaf - Indicador de Alfabetismo Funcional.²⁶</p>
<p>5 Preferência por vocábulos cultos:</p> <p>a) <i>É inquestionável a importância do trabalho em conjunto.</i> b) <i>O analfabetismo funcional é intrínseco, eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos perspícaz, seriam soluções viáveis.</i></p> <p>O autor se esforça em utilizar vocábulos cultos para enriquecer o texto dissertativo - mostra que é muito importante exercitar seu vocabulário, pois tem consciência de que o uso de sinônimos evita repetições não recomendadas na elaboração do texto escrito.</p>

CONTINUA

²⁶ Refere-se a pesquisas idealizadas em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e a ONG (Organização Não Governamental) Ação Educativa, realizada com o apoio do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) Inteligência, com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano. Fonte: Instituto Paulo Montenegro. Disponível em: [https://ipm.org.br/inaf#:~:text=O%20Indicador%20de%20Alfabetismo%20Funcional,suas%20habilidades%20e%20pr%C3%A1ticas%20de]. Acesso em: 30 ago. 2020.

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 2	
Sintaxe Elaborada	
1	<p>Planejamento para a escrita:</p> <p>O aluno começa todos os parágrafos com tópico frasal explícito e bem situado. O tópico frasal é um fator importante na construção do parágrafo, necessário para enfatizar a ideia principal do parágrafo a ser desenvolvido.</p> <p>De acordo com Silva, (2017, p. 69), “o tópico frasal possui uma característica de organização dos parágrafos que pode auxiliar tanto na sua produção quanto sua leitura. A primeira frase anuncia o tema do parágrafo e as frases seguintes demonstram o que se disse”.</p> <p>Para Garcia (2006, p. 222²⁷) <i>apud</i> Silva (2017, p. 58), “o tópico frasal contém de modo geral e conciso a ideia-núcleo do parágrafo e, geralmente, é uma generalização (opinião pessoal, juízo, definição, declaração)”.</p> <p>Diante do exposto, fica claro que o aluno compreende a proposta da tipologia dissertativa.</p>
2	<p>Há um esboço de período composto por subordinação, mas o aluno demonstra não ter pleno domínio do uso da concessiva:</p> <p><i>Embora eles tenham um entendimento em letras e números, não os ajudam a interpretar o que se pede.</i></p> <p>É nítido, porém, que o aluno se empenha em construir frases com períodos compostos por subordinação, pois tem conhecimento das características linguísticas predominantes no texto dissertativo.</p>
3	<p>A concordância culta se evidencia quando não há familiaridade entre os interlocutores, quando mostra um teor de comunicação formal (trabalho, entrevistas em geral etc.).</p> <p>Em nossa amostra, por sua vez, encontramos na tentativa de empreender esses elementos na escrita, o que se pode perceber na seguinte frase:</p> <p><i>Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto [...].</i></p>
4	<p>Vocábulos cultos:</p> <p><i>Analfabetismo funcional, intrínseco, viáveis [...].</i></p> <p>O aluno se vale de vocábulos que não são comuns na comunicação oral informal. Tem, pois, consciência da necessidade de aprimoramento vocabular na construção do texto dissertativo.</p>

²⁷ GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 69.

Quadro 3: Texto 2

REDAÇÃO
<p><i>Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo. Isso se dá quanto da escolaridade dos brasileiros, desde a alfabetização refletindo-se no desenvolvimento do país, já que a desigualdade social acelera esse processo, além da discriminação.</i></p> <p><i>Quando ao desenvolvimento do país, tem-se em vista que com maior número de analfabetos funcionais, irá cair a quantidade de profissionais necessários em cada área. Com isso, a qualidade nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, por exemplo, será menor. Até mesmo o desenvolvimento de pesquisa acabará sendo menos, ficando assim com serviços mais precários.</i></p> <p><i>Quanto do relacionando-se as condições de ensino, deve-se levar em consideração que as pessoas com uma renda menor possuem piores condições de educação escolar. Além de muitas delas acabarem entrando atrasadas ou sem ensino pré-escolar, fazendo com que o ensino fique ainda pior e sem conseguir grande auxílio, podendo inclusive sofrer discriminação dentro da escola.</i></p> <p><i>Em suma, uma das formas de diminuir a quantidade de analfabetos funcionais seria implementando mudanças no modelo de ensino. Podendo ter algum professor auxiliar dentro da sala de aula, além do professor principal. Poderia ser realizado também plantão de dúvidas, espécie de reforço, para quem tem mais dificuldades. Podendo ser feito pelo próprio diretor da instituição.</i></p>
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE
Nível de Linguagem
<p>1 Linguagem coloquial, informal e popular:</p> <p>[...] <i>Irá cair a quantidade de profissionais [...].</i></p> <p>Embora não utilize, de modo geral, um vocabulário informal, característico de situações comuns na oralidade, o aluno encontra dificuldade para relacionar as ideias no plano semântico e sintático. Há, pois, um esforço nítido de transformar o texto em um meio de comunicação escrita, a despeito da dificuldade em atribuir coerência. Nota-se, já no primeiro parágrafo, fragmentos de textos transcritos de outras fontes e uma tentativa de articulação própria que resulta em insucesso. Provavelmente, no plano informal, o aluno seria perfeitamente capaz de comunicar o que, com dificuldade, tratou na escrita.</p> <p>O texto solicitado exigia uma abordagem dissertativa. Como o aluno possui dois professores de “reforço” em Língua Portuguesa, que ficam à disposição dos alunos para sanar dúvidas, muito provavelmente foi orientado a não usar linguagem coloquial no texto escrito. A dificuldade em demonstrar domínio da norma culta e para expandir coerentemente uma ideia não disfarça características advindas da oralidade: sintaxe menos cuidada e problemas de coesão e coerência menos articulados, mas compreensíveis.</p> <p>2 Alto grau de subjetividade:</p> <p><i>Em suma, uma das formas de diminuir a quantidade de analfabetos funcionais seria implementando mudanças no modelo de ensino. Podendo ter algum professor auxiliar dentro da sala de aula, além do professor principal. Poderia ser realizado também plantão de dúvidas, espécie de reforço, para quem tem mais dificuldades. Podendo ser feito pelo próprio diretor da instituição.</i></p> <p>Soluções simplistas, características de redações de adolescentes, denotam posturas subjetivas para a resolução de problemas complexos e amplos.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 3
<p>3 O aspecto informal:</p> <p>Não há a incidência. O aluno esforça-se por escrever o texto em norma culta. A inexperiência redacional, porém, é nítida na má articulação sintática e, às vezes, semântica.</p>
<p>4 Marcadores conversacionais:</p> <p>Não há a incidência. Entende-se que o aluno tem conhecimento da norma culta. Dessa forma, evita o uso dos recursos próprios da língua falada, ainda que precise se esforçar para dominar as exigências de construção adequada de parágrafos com tópico frasal, desenvolvimento sintático-semântico adequado. De qualquer modo, mantém a unidade temática e evita digressões.</p>
<p>5 Além de empregar um vocabulário acessível, as marcas de aproximação entre falante e ouvinte são caracterizadas pelas sugestões de resolução do problema. Por exemplo:</p> <p><i>[...] em suma, uma das formas de diminuir a quantidade de analfabetos funcionais seria implementando mudanças no modelo de ensino.</i></p> <p>O aluno compreende a proposta do texto dissertativo-argumentativo e se esforça em aplicar os conceitos das diversas áreas de conhecimento, dentro do seu limite, para o desenvolvimento do tema, no entanto, não consegue evitar algumas inadequações.</p>
<p>6 Gírias:</p> <p>Não há a incidência. A própria folha de redação contém instruções para não usar gírias no texto dissertativo e o professor, provavelmente, realça essa instrução em sala de aula.</p>
Sintaxe Não Planejada
<p>1 Repetição desnecessária:</p> <p>a) [...] <i>ao desenvolvimento do país</i> [...].</p> <p>b) [...] <i>no desenvolvimento do país</i> [...].</p> <p>Apesar de o aluno ter domínio da norma culta e compreender a proposta de linguagem do texto dissertativo, mesmo assim, comete alguns deslizos e utiliza-se de recursos que são próprios da oralidade (as repetições).</p>
<p>2 Ao considerar o nível de linguagem popular, não se observou a incidência de frases curtas, porém, há a incidência de frases simples:</p> <p><i>Podendo ser feito pelo próprio diretor da instituição.</i></p> <p>E, aqui, a oração coordenada:</p> <p><i>Com isso, a qualidade nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, por exemplo, será menor.</i></p>
<p>3 Concordância popular:</p> <p>Não há a incidência. O aluno é orientado a não se utilizar de concordância popular no texto escrito.</p>
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA
Nível de Linguagem
<p>1 Linguagem culta, formal, semiformal:</p> <p><i>Quanto ao desenvolvimento do país, tem-se em vista que com maior número de analfabetos funcionais, irá cair a quantidade de profissionais necessários em cada área.</i></p> <p>O aluno, a despeito da má elaboração sintática, apresenta argumentos válidos, ligados à causa e consequência. Acentua. Implicitamente, questões que sustentam o analfabetismo: discriminação, exclusão social, desigualdade social e a falta de mão de obra especializada em todos os setores.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 3
<p>2 Alto grau de impessoalidade:</p> <p><i>[...] conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo.</i></p> <p>O aluno se aplica em utilizar uma linguagem impessoal quando omite o agente do discurso e as diversas vozes que compõem um texto. Procura desenvolver a ideia central do parágrafo ao construir e defender seu ponto de vista e mostra, pela fala do outro, os impactos que causam o alto índice de analfabetismo funcional no Brasil.</p>
<p>3 Grau de formalidade:</p> <p><i>Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo. Isso se dá quanto da escolaridade dos brasileiros, desde a alfabetização refletindo-se no desenvolvimento do país, já que a desigualdade social acelera esse processo, além da discriminação.</i></p> <p>Observa-se que o aluno se esforça para imprimir formalidade ao texto: evita a primeira pessoa, vale-se de um vocabulário culto, transcreve dados e denota consciência da estrutura formal do texto dissertativo. Conhece o gênero, embora, por falta de habilidade no domínio da estrutura dos parágrafos, traia-se comumente ao deixar o leitor perceber o que é transcrito a partir da fala de outro e o que é de sua própria autoria.</p>
<p>4. Texto sem marcadores conversacionais:</p> <p>Para evitar coesão característica da oralidade, o aluno vale-se, várias vezes, do gerúndio e, desse modo, esconde o sujeito:</p> <p><i>[...] relacionando-se as condições de ensino, deve-se levar em consideração que as pessoas com uma renda menor possuem as piores condições de educação escolar.</i></p>
<p>5 Há a tentativa de distanciamento entre escritor e ouvinte:</p> <p><i>[...] conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo.</i></p> <p>O texto está escrito em terceira pessoa, recolhe dados estatísticos e, assim, imprime credibilidade ao dizer. O parágrafo aqui exemplificado é exemplar no sentido de manter o distanciamento e procurar distanciamento entre aspectos subjetivos do autor e expectativas do público-leitor.</p>
<p>6 Gírias:</p> <p>Não há a incidência. Há a preferência por vocábulos cultos. O aluno faz uso de uma linguagem simples e sem sinonímia, mas concisa, num evidente esforço de imprimir um tom formal ao texto produzido.</p>
Sintaxe Elaborada
<p>1 Escrita planejada:</p> <p><i>Com isso, a qualidade nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, por exemplo, será menor.</i></p> <p>O aluno se empenha em mostrar um domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e dessa forma produzir um texto dentro dos limites estruturais da dissertação argumentativa.</p> <p>Há, porém, momentos em que se evidencia apenas o esforço para traduzir ideias em normal culta:</p> <p><i>Quando do relacionando-se as condições de ensino, deve-se levar em consideração que as pessoas com uma renda menor possuem piores condições de educação escolar. Além de muitas delas acabarem entrando atrasadas ou sem ensino pré-escolar, fazendo com que o ensino fique ainda pior e sem conseguir grande auxílio, podendo inclusive sofrer discriminação dentro da escola.</i></p> <p>As dificuldades coesivas e semânticas se ressaltam significativamente.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 3

2 Há frases completas. Ademais, existe subordinação. Por exemplo:

Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo.

3 Concordância culta:

Mesmo quando o sujeito está afastado do verbo, o aluno não comete deslizes característicos de concordância da oralidade:

Com isso, a qualidade nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, por exemplo, será menor. Até mesmo o desenvolvimento de pesquisa acabará sendo menos, ficando assim com serviços mais precários.

4 Vocábulo cultos:

O aluno faz uso de linguagem simples, mas concisa e culta. Os eventuais problemas não estão no uso do vocabulário, mas, sim, na falta de articulação adequada entre os elementos frasais.

Quadro 4: Texto 3

DISSERTAÇÃO	
<p><i>A taxa de escolaridade vem aumentando. No entanto, ainda é notável que o analfabetismo é um problema entre brasileiros. 75% da população brasileira entre 15 e 64 anos, são analfabetos funcionais. Com o fim de melhor, não só os números mas ir fundo capacita-los, a influência e ajuda maior dentro de casa, e uma importância maior do governo seria um grande passo, para ter diminuição nesse problema.</i></p> <p><i>Ler é fundamental, seja para o adulto ou para criança. Todavia, as crianças estão em formação e não tem a comprometimento, e atenção necessário a isso. De acordo com a fonte (Brasil Escola). 50% dos entrevistados declaram não ler livros por não compreender o conteúdo. A influência da leitura deve ser feita em conjunto por pais, tirando um tempo livre para a criança pega gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola.</i></p> <p><i>No entanto, juntamente com os pais e professores. O governo é indispensável, dando sustentação a essas pessoas, que estarão dispostas a ajudar. Construindo mais escolas, bibliotecas, até uma base para serem feitas novas atividades na escola.</i></p> <p><i>Desse modo, vindo dos principais as novas gerações. A taxa de escolaridade aumentaria mas, porém de uma forma diferente e mais sustentável. Tendo em vista que as pessoas que leram sabem mais, tem mais facilidade e compreensão das coisas, elas seriam mais inteligentes tendo essa base, e poderiam criar novos métodos para ajudar em problemas diversos que, infelizmente são muitos, que existem no mundo.</i></p>	
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE	
Nível de Linguagem	
1 Linguagem coloquial, informal e popular:	<p><i>[...] criança pega gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola.</i></p> <p>Embora haja esforço para vazar o texto em norma culta, há momentos em que os índices de informalidade e uso do vocabulário inadequado para um texto argumentativo tornam-se evidentes.</p>
2 Grau de subjetividade:	<p>Não há a incidência. Entende-se que o aluno compreende a proposta do texto dissertativo-argumentativo e por isso evita o uso de subjetividade.</p>
3 Aspecto informal:	<p>Não há a incidência. O aluno tem domínio da norma culta e evita o uso de linguagem informal no texto escrito.</p>
4 Marcadores conversacionais:	<p>Não há marcadores conversacionais na amostragem, isto porque o aluno tem orientação para escrever texto dissertativo de acordo com a norma culta.</p>
5 Gírias:	<p><i>[...] e não achar uma coisa chata e os professores na escola.</i></p>
CONTINUA	

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 4	
Sintaxe Não Planejada	
1	<p>A repetição desnecessária:</p> <p>a) <i>A taxa de escolaridade vem aumentando.</i> b) <i>A taxa de escolaridade aumentaria [...].</i></p> <p>Nota-se que o aluno, mesmo com conhecimento da norma culta, comete algumas falhas. Ele deixa de usar um sinônimo e acaba por repetir os mesmos termos na argumentação, embora em tempos verbais diferentes.</p>
2	<p>Ao considerar o nível de linguagem popular, observamos a incidência de frases curtas:</p> <p><i>Desse modo, vindo dos principais as novas gerações.</i></p> <p>Nesse exemplo, evidencia-se a acessibilidade corrente no tocante à linguagem.</p> <p>Há também a incidência de frases simples:</p> <p><i>No entanto, juntamente com os pais e professores.</i></p> <p>No que se refere às orações coordenadas, exemplifica-se o emprego da conjunção adversativa “no entanto”.</p>
3	<p>Concordância popular:</p> <p><i>A influência da leitura deve ser feita em conjunto por pais, tirando um tempo livre para a criança pega gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola.</i></p> <p>Observa-se que o aluno, a despeito de demonstrar domínio da norma culta e compreender a proposta do texto dissertativo-argumentativo, é descuidado.</p>
4	<p>Regência popular:</p> <p><i>[...] para ajudar em problemas diversos, que infelizmente são muitos, que existem no mundo.</i></p> <p>Nota-se que o aluno tem domínio da norma culta, mas comete alguns desvios.</p>
5	<p>Escrita fonética:</p> <p>Não há a incidência de escrita fonética, visto o aluno ter conhecimento da norma culta.</p>
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	
Nível de Linguagem	
1	<p>Linguagem culta, formal, semiformal:</p> <p><i>A taxa de escolaridade vem aumentando. No entanto, ainda é notável que o analfabetismo é um problema entre brasileiros.</i></p> <p>O aluno tem domínio da norma culta e compreende a proposta do texto dissertativo-argumentativo.</p> <p>Para elaboração desse tema, nota-se o empenho do aluno em assumir postura crítica e amadurecida:</p> <p><i>Mesmo com o aumento da taxa de escolaridade em nosso país, ainda é grande o número de brasileiros analfabetos funcionais.</i></p>
CONTINUA	

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 4
<p>2 Alto grau de impessoalidade:</p> <p><i>Todavia, as crianças estão em formação e não tem a comprometimento, e atenção necessário a isso.</i></p> <p>O aluno se esforça em criar um texto impessoal, partindo de uma ideia de que as crianças não compreendem o valor da leitura. Os erros de acentuação, porém, denotam um autor ainda em fase de formação e de aprendizagem das características da escrita culta.</p> <p>Na verdade, vivemos em uma sociedade complexa com transformações sociais constantes. Com a alta tecnologia, a informação nos chega com apenas com um toque nas notificações do aparelho celular ou <i>notebook</i>.</p> <p>Dessa forma, não se dá importância à leitura, não se incentiva e tampouco se integra a leitura ao cotidiano dos estudantes.</p> <p>Diante disso, o resultado é o alto índice de analfabetos funcionais.</p>
<p>3 Grau de formalidade:</p> <p>Não há a incidência. Embora o aluno tenha conhecimento da norma culta, ele não faz uso no texto desse grau de formalidade.</p>
<p>4 Tentativa de distanciamento:</p> <p><i>Construindo mais escolas, bibliotecas, até uma base para serem feitas novas atividades na escola.</i></p> <p><i>[...] criança pega gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola.</i></p>
<p>5 Vocábulo cultos:</p> <p>Não há a incidência. O aluno não faz uso de vocábulo cultos no texto.</p>
Sintaxe Elaborada
<p>1 Escrita planejada:</p> <p>Observa-se que o aluno faz um esforço para construir frases devidamente organizadas, dentro de sua realidade:</p> <p><i>O governo é indispensável, dando sustentação a essas pessoas, que estarão dispostas a ajudar, construindo mais escolas, bibliotecas e até uma base para serem feitas novas atividades na escola.</i></p>
<p>2 Há frases completas. Ademais, há também a presença de subordinações:</p> <p><i>[...] a taxa de escolaridade aumentaria, porém de uma forma diferente e mais sustentável.</i></p> <p>Nota-se o empenho do aluno em construir frases completas de subordinação que façam sentido e para isso faz uso de conhecimentos de sua realidade.</p>
<p>3 Concordância culta:</p> <p><i>O governo é indispensável, dando sustentação a essas pessoas, que estarão dispostas a ajudar.</i></p> <p>Nota-se que o aluno se empenha em produzir um texto organizado e com clareza.</p>
<p>4 Regência culta:</p> <p><i>[...] elas seriam mais inteligentes tendo essa base [...].</i></p>
<p>5. Vocábulo cultos:</p> <p>Não há a incidência de vocábulo cultos.</p>

Quadro 5: Texto 4

REDAÇÃO	
<p><i>Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução e a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problemas de desenvolvimento pessoal e profissional.</i></p> <p><i>A maioria dos casos de analfabetismo funcional é presente em pessoas mais velhas, devido ao fato que antigamente era de maior dificuldade uma pessoa frequentar uma escola, e isso trouxe consequências para nossa sociedade.</i></p> <p><i>Um desses problemas gerados pela baixa escolaridade foi o alto índice de pessoas que não sabem interpretar um texto, diminuindo o interesse do indivíduo em ler um livro e melhorar seu intelecto.</i></p> <p><i>A fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano, Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivação a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade. Isso teria que ser propostas do governo na intenção de diminuir os numeros de anafalbetizados funcionais no Brasil.</i></p>	
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE	
Nível de Linguagem	
1	<p>Linguagem coloquial, informal e popular:</p> <p>Ao supor-se em um contexto mais próprio da oralidade, o aluno não produz uma introdução, pois supõe uma imersão do leitor no contorno temático que irá explorar. A falta de contextualização é característica da oralidade em função da presença física dos interlocutores.</p> <p>Observa-se que o aluno, mesmo com conhecimento da norma culta padrão, comete alguns deslizes, como no vocábulo “incentivo”, que, para dar ênfase na palavra, escreve “incentivação”, devido ao sufixo do grau do aumentativo “ão”. Veja-se a seguir:</p> <p><i>Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivação a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade.</i></p> <p>A criação de palavras inadequadas no padrão formal é característica de analogias produzidas a partir da oralidade.</p>
2	<p>Grau de subjetividade:</p> <p>Constata-se que o aluno tem consciência das exigências do padrão culto, compreende a proposta do texto dissertativo-argumentativo, mas isso não o impede de cometer traições da oralidade na escrita: inadequação:</p> <p><i>Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivação a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade.</i></p>
3	<p>Aspecto informal:</p> <p>[...] <i>um desses problemas gerados pela baixa escolaridade foi o alto índice de pessoas que não sabem interpretar um texto, diminuindo o interesse do indivíduo em ler um livro.</i></p> <p>O uso inadequado do gerúndio e o uso dos tempos verbais é bem característico de formações frásticas próprias da oralidade.</p>
4	<p>Marcadores conversacionais:</p> <p>Não há a incidência de marcadores conversacionais, visto o aluno demonstrar conhecimento da forma escrita em contraponto à oralidade informal em contextos diferenciados.</p>
CONTINUA	

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 5
<p>5 Marcas de aproximação:</p> <p><i>A fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano, Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivação a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade. Isso teria que ser propostas do governo na intenção de diminuir os números de analfabetizados funcionais no Brasil.</i></p> <p>É interessante observar que “poderíamos” inclui o auditório, o autor e o governo. Logo depois, porém, o aluno remete a obrigação de bem formar às propostas exclusivamente governamentais.</p>
<p>6 Gírias:</p> <p>Não há a incidência de gírias. Esse é um aspecto positivo para demonstração da consciência das diferenças fundamentais entre contextos orais informais e contextos formais escritos.</p>
Sintaxe Não Planejada
<p>1 Repetições desnecessárias:</p> <p><i>Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução e a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problemas de desenvolvimento pessoal e profissional.</i></p> <p>Observa-se que o aluno cumpre a função de escrever em normal culta, compreende a proposta do texto dissertativo-argumentativo, mas não evita alguns descuidos característicos da oralidade como o não uso da sinonímia.</p>
<p>2 Ao considerar o nível de linguagem popular, não observamos a incidência de frases curtas, porém, há a incidência de frases simples:</p> <p>a) <i>A fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano [...].</i> b) <i>[...] já que o mundo está em constante evolução e a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problema de desenvolvimento [...].</i></p>
<p>3 Concordância popular:</p> <p>Não há a incidência. O aluno tem domínio da norma culta e por isso evita construir frases com concordância popular.</p>
<p>4 Regência popular:</p> <p>Não há incidência, visto o aluno demonstrar ser cuidadoso na reprodução da norma padrão culta.</p>
<p>5 Escrita fonética:</p> <p>O aluno demonstra conhecer a norma culta, mas comete alguns desvios. Por exemplo, emprega inadequadamente o termo “incentivação” no lugar do correto “incentivo”.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 5	
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	
Nível de Linguagem	
1	<p>Linguagem culta, formal, semiformal:</p> <p><i>A fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano, Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivação a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade. Isso teria que ser propostas do governo na intenção de diminuir os numeros de analfabetizados funcionais no Brasil.</i></p> <p>Nota-se que o aluno tem consciência da necessidade de uso da norma padrão culta e compreende a proposta do texto dissertativo. Considera o analfabetismo como uma questão ligada ao desenvolvimento humano e procura resolver essa questão pela recomendação de leitura e aulas para adultos. Os argumentos simplistas não deixam de refletir uma consciência de mundo que se liga ao aprimoramento do ser humano, sobretudo em uma sociedade capitalista:</p> <p><i>Um desses problemas gerados pela baixa escolaridade foi o alto índice de pessoas que não sabem interpretar um texto, diminuindo o interesse do indivíduo em ler um livro e melhorar seu intelecto.</i></p>
2	<p>Grau de impessoalidade:</p> <p>A despeito de problemas com a acentuação, o aluno imprime com êxito o grau de impessoalidade ao texto:</p> <p><i>Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução e a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problemas de desenvolvimento pessoal e profissional.</i></p>
3	<p>Grau de formalidade:</p> <p>A apresentação do texto é intencionalmente formal em função do domínio do gênero exigido para a feitura da redação. Como o aluno está em prática do desenvolvimento do seu conhecimento da norma padrão culta, mantém a formalidade, mas não consegue esconder a falta de familiaridade com essa norma, quer pela construção sintática, quer pela articulação adequada dos argumentos pretendidos.</p>
4	<p>Marcadores conversacionais:</p> <p>Não há a incidência de marcadores conversacionais em razão de o aluno aparentar conhecimento das condições e limitações exigidas pelo gênero textual em que produz seu texto.</p>
5	<p>Distanciamento entre escritor e ouvinte:</p> <p><i>Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução [...].</i></p>
6	<p>Vocábulos cultos:</p> <p>Ao valer-se do padrão formal culto, o aluno mostra-se cuidadoso no uso do vocabulário e não se vale de termos informais ou característicos da oralidade.</p>
CONTINUA	

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 5	
Sintaxe Elaborada	
1 Planejamento na escrita:	<p>Nota-se que o aluno se empenha em construir um texto organizado por meio de argumentos baseados em sua realidade:</p> <p><i>Um desses problemas gerados pela baixa escolaridade foi o alto índice de pessoas que não sabem interpretar um texto, diminuindo o interesse do indivíduo em ler um livro e melhorar seu intelecto.</i></p> <p>Como está em formação, vale-se do gerúndio para estabelecer coesão, ainda que esconda o sujeito.</p>
2 Norma culta e frases completas:	<p>A estrutura do texto escrito em padrão culto é observada em toda a redação do aluno.</p>
3 Concordância culta:	<p>Nota-se que o aluno se esforça em produzir um texto organizado, com concordância adequada e coerência. O desconhecimento das normas de acentuação gráfica é a que fica mais notória em todo o texto.</p> <p><i>Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução e a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problemas de desenvolvimento pessoal e profissional.</i></p>
4 Vocábulos cultos:	<p>O aluno dá claras mostras de conhecer a formalidade exigida pelo gênero explorado.</p>

Quadro 6: Texto 5

REDAÇÃO
<p><i>O analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo que o tem, há culpa na descentralização educacional, falta de acessibilidade e do descaso do governo em lugares mais oriundos do Brasil. Todavia, o analfabetismo funcional não está diretamente relacionado a inteligência ou nível de escolaridade, e sim a falta de responsabilidade das instituições educacionais onde as pessoas frequentam.</i></p> <p><i>A descentralização educacional não é um processo homogêneo, o governo investe em locais onde posteriormente poderá gerar mais lucro para o país, fazendo assim, o Brasil fica melhor representado mundialmente. Por conta disso, os lugares onde temos como principal fonte de comércio a agropecuária, tem índices de escolaridade mais baixas, já que, nesses locais, as crianças costumam começar a trabalhar cedo e o governo não se preocupa tanto com o respectivo assunto.</i></p> <p><i>Juntamente como isso, as instituições educacionais estão mais preocupados em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois, se o aluno não tiver autonomia, ele não sair da escola sabendo ler um texto e compreendê-lo e nem aprenderá a produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como porcentagem da taxa de escolaridade dos brasileiros.</i></p> <p><i>Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, e há uma descentralização educacional com falta de responsabilidade o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si. O governo também poderia construir mais escolas nos lugares pobres é de difícil acesso no Brasil. Sendo assim, os representantes do ministério da educação em conversa com professores criariam um sistema mais funcional para eles e para os alunos. Essas atitudes trariam uma taxa bem menor de analfabetos funcionais pois a escola estaria mais atenta nesse assunto.</i></p>
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE
Nível de Linguagem
<p>1 Linguagem padrão, coloquial, gírias, regionalismos, vulgar e popular:</p> <p>Não há a incidência, pois o aluno demonstra preocupação com a exploração da norma padrão culta. O parco conhecimento da pontuação na escrita, porém, ainda denota resquícios da prosódia característica da oralidade.</p>
<p>2 Grau de subjetividade:</p> <p>O aluno constrói o arcabouço argumentativo de forma impessoal e, com isso, demonstra consciência da tipologia dissertativa e regras de formação:</p> <p><i>[...] o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si.</i></p>
<p>3 Aspecto informal:</p> <p>Não há a incidência. O aluno tem conhecimento da norma culta e compreende a proposta do texto dissertativo e por isso evita o uso da informalidade.</p>
<p>4 Marcadores conversacionais:</p> <p>Não há incidência de marcadores conversacionais.</p>
<p>5 Marcas de aproximação:</p> <p>Não há a incidência. O aluno tem consciência do uso da norma padrão culta.</p>
<p>6 Gírias:</p> <p>Não há a incidência de gírias, visto que o aluno tem conhecimento de que no texto escrito tem que ser usada a norma culta.</p>
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 6	
Sintaxe Não Planejada	
1 Repetições desnecessárias:	Não há a incidência.
2 Frases curtas, simples e orações coordenadas:	O aluno demonstra bom grau de articulação tanto na coordenação quanto na subordinação de ideias. Questões mais gramaticais, ligadas à pontuação e domínio da estrutura dos parágrafos o traem em alguns momentos do texto.
3 Concordância popular:	Não há a incidência de concordância popular, pois o aluno demonstra consciência da necessidade de criar o texto em norma padrão culta.
4 Regência popular:	Não há a incidência. O aluno tem conhecimento da norma culta e compreende a proposta do texto dissertativo. Por isso, evita o uso de regências características da oralidade em situações informais.
5 Escrita fonética:	Não há a incidência da escrita fonética. O aluno evita o seu uso porque tem conhecimento da norma culta.
MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA	
Nível de Linguagem	
1 Linguagem culta, formal, semiformal:	Nota-se que o aluno se esforça em desenvolver um texto organizado e dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo. Constrói a argumentação pela construção de argumentos selecionados adequadamente para os propósitos definitórios do analfabetismo funcional: <i>Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, e há uma descentralização educacional com falta de responsabilidade o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si.</i>
2 Grau de impessoalidade:	Observa-se que o aluno se empenha em construir um texto organizado com alto grau de impessoalidade: a) <i>O analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo que o tem, há culpa na descentralização educacional, falta de acessibilidade e do descaso do governo em lugares mais oriundos do Brasil.</i> b) <i>Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, e há uma descentralização educacional com falta de responsabilidade o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si.</i>
3 Grau de formalidade:	Nota-se que o aluno se esforça em produzir um texto organizado e dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo: <i>Juntamente como isso, as instituições educacionais estão mais preocupados em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois, se o aluno não tiver autonomia, ele não sair da escola sabendo ler um texto e compreendê-lo e nem aprenderá a produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como porcentagem da taxa de escolaridade dos brasileiros.</i>
CONTINUA	

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 6	
4	Marcadores conversacionais: Apresenta coesão textual adequada ao texto escrito em norma padrão culta.
5	Distanciamento entre escritor e ouvinte: <i>Juntamente como isso, as instituições educacionais estão mais preocupados em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas [...].</i>
6	Vocábulos Cultos: Todo o texto é vazado em linguagem padrão culta.
Sintaxe Elaborada	
1	Escrita planejada: <i>Juntamente como isso, as instituições educacionais estão mais preocupados em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois, se o aluno não tiver autonomia, ele não sair da escola sabendo ler um texto e compreendê-lo e nem aprenderá a produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como porcentagem da taxa de escolaridade dos brasileiros.</i> A construção sintática é elaborada, ainda que as questões ligadas à pontuação e à expressividade denotem um ser em formação, que se esforça para deixar clara ao pensamento complexo que sustenta a argumentação.
2	Norma culta e frases completas: O aluno alterna frases simples, curtas, coordenadas e às vezes outras com elaboração mais cuidadosa e permeada de orações subordinadas.
3	Concordância culta: Verifica-se que o aluno se aplica em construir um texto organizado e demonstra conhecimento linguístico: <i>[...] o governo investe em locais onde posteriormente poderá gerar mais lucro para o país, fazendo assim, o Brasil fica melhor representado mundialmente.</i>
4	Vocábulos cultos: De modo geral, os vocábulos empregados são característicos da norma padrão culta. Algumas inadequações, porém, por desconhecimento do sentido dicionarizado se fazem presente: a) <i>oriundos</i> [embora empregado de forma inadequada]. b) <i>homogêneo</i> .

Empreendemos nossa pesquisa com a pressuposição de que a oralidade e a escrita sejam duas modalidades diferentes que podem deixar suas marcas uma na outra. Ademais, acreditamos que o processo de oralidade ou fala exerce maior influência no processo de escrita, já que são aprendidas no dia a dia dos alunos e das pessoas de um modo geral.

O *corpus* de nossa pesquisa, composto por cinco redações confeccionadas por alunos da primeira série do ensino médio de uma escola pública da Grande São Paulo, serviu de base para verificarmos quais as marcas orais utilizadas pelos alunos em suas respectivas produções.

Os dois quadros a seguir, com exemplos, mostram alguns tipos de marcas, tanto da oralidade quanto da escrita, que os alunos usaram em seus textos:

Quadro 7: Tipos de marcas da oralidade

MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE
Subjetividade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ o governo é indispensável, dando sustentação a essas pessoas, que estarão dispostas a ajudar. ▪ Poderíamos gerar melhorias na educação básica, incentivo a leitura e aulas voltadas para pessoas de idade.
Informalidade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ devemos andar juntos, lado a lado, para atingirmos um nível adequado de alfabetização. ▪ tirando um tempo livre para a criança pegar gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola. ▪ um desses problemas, gerado pela baixa escolaridade, foi o alto índice de pessoas que não sabem interpretar um texto, diminuindo o interesse do indivíduo em ler um livro. ▪ você precisa saber que [...].
Gírias/expressões cotidianas com alto grau de informalidade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ tirando um tempo livre para a criança pegar gosto [...]. ▪ e não achar uma coisa chata e os professores na escola.
SINTAXE NÃO PLANEJADA
Repetições desnecessárias
<ul style="list-style-type: none"> ▪ todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto [...]; o analfabetismo funcional é intrínseco. ▪ quanto ao desenvolvimento do país [...]; refletindo-se no desenvolvimento do país. ▪ a taxa de escolaridade [...]; a taxa de escolaridade. ▪ pessoas com esse problema têm [...]; a dificuldade em obter uma leitura compreensiva traz problemas [...]; presente em pessoas mais velhas [...] etc. ▪ há culpa na descentralização educacional [...]; A descentralização educacional não é um processo homogêneo.
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 7
Frases curtas, simples ou coordenadas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto. ▪ podendo ser feito pelo próprio diretor da instituição. ▪ no entanto, juntamente com os pais e professores. ▪ a fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano [...].
Concordância popular
<ul style="list-style-type: none"> ▪ eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos perspicaz. ▪ a influência da leitura deve ser feita em conjunto por pais, tirando um tempo livre para as crianças pegar gosto, e não achar uma coisa chata e os professores na escola. ▪ peessoas com esse problema tem sérias desvantagens [...].
Escrita fonética
<ul style="list-style-type: none"> ▪ perspicaz, que em nossa conjuntura deveria ser perspicazes. ▪ aumentara, que deveria ser aumentará ▪ sustenção, que na conjuntura da amostragem do <i>corpus</i> deveria ser sustentação. ▪ incentivação, que deveria ser incentivo.

Quadro 8: Tipos de marcas da escrita

MARCAS CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA
Impessoalidade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Lado a lado pelo analfabeto. ▪ Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto. ▪ conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo. ▪ a taxa de escolaridade vem aumentando. ▪ Pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente [...]. ▪ O analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo [...].
Formalidade
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O Inaf tem aplicado testes avaliando as habilidades de leitura. ▪ Com isso, a qualidade nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, por exemplo, será menor. ▪ a fim de amenizar esses problemas de desenvolvimento humano [...]. ▪ Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, e há uma descentralização educacional [...].
Distanciamento
<ul style="list-style-type: none"> ▪ ao analisar os fatos, 75% da população entre 15 e 64 são analfabetos funcionais. ▪ Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola [...]. ▪ construindo mais escolas, bibliotecas, até uma base para serem feitas novas atividades na escola. ▪ pessoas com esse problema tem serias desvantagens atualmente, já que o mundo está em constante evolução. ▪ como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, e há uma descentralização educacional com falta de responsabilidade o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si.
CONTINUA

CONTINUAÇÃO DO QUADRO 8	
Vocábulos cultos	
▪	indivíduo, descentralização e oriundos
SINTAXE ELABORADA	
Escrita planejada	
▪	Em suma, uma das formas de diminuir a quantidade de analfabetos funcionais seria implementando mudanças no modelo de ensino.
Frases completas com subordinação	
▪	conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo.
▪	a taxa de escolaridade. aumentaríamos, porém de uma forma diferente, mais sustentável.
Concordância culta	
▪	todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto.
▪	Em suma , uma das formas de diminuir a quantidade de analfabetos funcionais seria implementando mudanças no modelo de ensino.

Na observação realizada, é possível notar, por exemplo, o uso de um repertório linguístico que denota boa competência comunicativa e isso demonstra como se efetiva não apenas a diferença entre estruturas, mas também as condições de produção, transmissão e recepção, as quais são inerentes à convivência dos alunos no ambiente escolar. Isso posto, são considerados, na sequência, alguns aspectos que elucidam mais clara e detidamente a influência da fala sobre a escrita.

5.1 Marcadores Conversacionais

Ao encontrarmos um uso de marcador conversacional “você” no Texto 1 (*Você precisa saber que no país que vivemos ler é fundamental*), constatamos que esse marcador conversacional identificado como “você” tornou-se um pronome de tratamento com várias mudanças ao longo do tempo. Constata-se também que no português brasileiro o pronome “você” é uma forma de tratamento muito comum nos relacionamentos informais e deixa de ser informal quando um dos interlocutores é mais velho ou hierarquicamente superior e utiliza o tratamento de senhor ou senhora:

De qualquer modo, apenas uma marca de aproximação entre falante e ouvinte foi detectada. As demais redações, então, demonstram assimilação das características do gênero solicitado, que prima pela formalidade e distanciamento entre os sujeitos da interlocução.

5.2 Marcas de Aproximação entre Falante e Ouvinte

Como observamos acima, em um dos textos, utilizou-se a palavra “você”, que é uma variação histórica, regional e de variação pronominal que ocorre na maioria das

regiões do Brasil. A variação histórica são as transformações que a variante “você” sofreu ao longo do tempo - por exemplo, “Vossa mercê, vosmecê, vancê e você”. No que se refere à variação regional, a variante “você” é utilizada nas várias regiões do Brasil, exceto no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. Em São Paulo, é comumente utilizada de modo informal e indica proximidade entre os participantes de um processo de interação comunicativa.

5.3 Gírias (variação social)

Duas ocorrências desse fenômeno foram identificadas: “chata” e “ir fundo”. Trata-se de variação lexical e social usada como recurso para nomear atividades específicas, com grande valor expressivo. A baixa incidência de gírias no conjunto das redações é um indicativo que, nos limites do *corpus*, os sujeitos da pesquisa adquiririam consciência da não dicotomia entre oralidade e escrita, têm consciência das especificidades da tipologia dissertativa e do grau de formalidade exigido.

5.4 Sintaxe não planejada

Começaremos, neste tópico, com a concordância popular: Foram encontradas quatro frases com concordância popular, própria da fala, da conversação face a face em situações de informalidade e denotativa de formas de comunicação em ambientes populares e de baixa escolaridade. O que se ressalta nos textos é o esforço para demonstrar elaboração acurada da sintaxe para sustentar semanticamente a argumentação, embora as trações da enunciação no enunciado sejam visíveis.

Regência popular:

Em regência popular, detectamos algumas frases e selecionamos uma que retrata as marcas características da regência utilizada na oralidade:

*Embora eles tenham um entendimento **em** letras, e números não os ajudam a interpretar o que se pede.*

Para a Sociolinguística, “as regências verbais tendem a passar por variações ao longo do tempo, porque os usuários da língua começam a utilizar os verbos, atribuindo a eles novas interpretações e significados [...]” (PEREIRA; SILVA; ASSIS, 2014, p. 208).

Enfim, os chamados erros na construção das frases que a norma padrão condena são as variações sintáticas. Exemplo: Vou ao cinema. Vou no cinema.

Na escrita popular, detectamos quatro ocorrências de regras fonológicas próprias do dialeto estudado:

- 1- Intrinsicidade: variação fonológica, supressão da letra “n” no interior da palavra, fenômeno da língua chamado síncope [Intrínseco].
- 2- Incentivação: trata-se de uma variação morfológica, na qual o aluno faz uso do sufixo “ao” para dar uma dimensão maior, mediante ao contexto que foi empregado. Algo que é próprio da fala. Exemplos: Lá embaixo - Lá embaixão [Incentivo]
- 3- Pega gosto: variação morfológica, supressão do “r” que marca o infinitivo nos verbos, o que a Sociolinguística chama de traço gradual, isto é, um fenômeno variável que ocorre em todo o *continuum* dialetal das variedades mais rurais e estigmatizadas até as variedades mais urbanas e prestigiadas [Pegar].
- 4- Sustençação: variação fonológica conhecida como síncope, supressão de um segmento sonoro no interior da palavra [Sustentação].

Outras marcas:

Alguns desvios de pontuação, acentuação, problemas de coesão (conectivos) e coesão sequencial que dificultam a compreensão do sentido do texto.

Marcas características da escrita:

- a. Impessoalidade - predominância da terceira pessoa.

Nesse item da linguagem escrita, identificamos algumas frases e selecionamos aquelas com o verbo “haver” com características de impessoalidade:

- 1- *Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo há uma descentralização educacional com falta de responsabilidade, o governo poderia implantar um regime escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si.*
- 2- *Todos sabem que em nosso país, há tempos, observa-se um índice de analfabetismo funcional alto.*

- b. Formalidade - textos sem marcadores conversacionais (coesão adequada).

Nesse item, identificamos quatro frases e selecionamos duas com coesão adequada:

- 1- *Com isso, as instituições educacionais estão mais preocupadas em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois se o aluno não tiver autonomia, ele não sairá da escola sabendo ler um texto e compreendê-lo e nem aprenderá a produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como a porcentagem da taxa de escolaridade dos brasileiros.*
- 2- *Conforme dados de uma pesquisa realizada pelo site Brasil Escola mais de 50% dos entrevistados não liam livros por não entenderem seu conteúdo.*

c. Distanciamento entre escritor e ouvinte.

Sem marcas de variações linguísticas. Há predomínio em todos os textos.

Selecionamos duas frases:

- 1- *O governo investe em locais onde posteriormente poderá gerar mais lucro para o país., fazendo assim, o Brasil ficará melhor representado mundialmente.*
- 2- *Relacionando-se as condições de ensino, deve-se levar em consideração que as pessoas com uma renda menor possuem piores condições de educação escolar.*

d. Preferência por vocábulos cultos ou uso de sinonímia.

Identificamos cinco frases e selecionamos duas com predominância de vocábulos cultos e uso de sinonímia:

- 1- *O analfabetismo funcional é intrínseco, eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos perspicaz, seriam soluções viáveis, afinal vivemos em sociedade, é inquestionável a importância do trabalho em conjunto.*
- 2- *A descentralização educacional não é um processo homogêneo [...].*

Sintaxe elaborada:

a. Marcas de escrita planejada, texto claro, sem repetições

Identificamos três frases e selecionamos uma com marcas de escrita planejada e com texto claro e sem repetições:

Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo Site Brasil Escola, mas de 50% dos entrevistados não liam livros por não compreenderem seu conteúdo.

b. Predominância de frases completas com subordinação.

Detectamos cinco frases e uma, com predominância de frase completa com predominância da subordinação, foi selecionada:

Com isso, as instituições educacionais estão mais preocupadas em formar pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois se o aluno não tiver autonomia, não sairá da escola sabendo ler um texto e compreende-lo e nem aprenderá a produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como porcentagem da taxa de escolaridade dos brasileiros.

c. Concordância culta

Identificamos três frases e duas, com concordância culta, foram selecionadas:

1- *A taxa de escolaridade aumentaria [...].*

2- *O governo poderia implantar [...].*

d. Escrita de acordo com a norma culta.

Detectamos muitas palavras características da norma padrão culta. Quinze delas, porém, merecem destaque pela raridade de sua utilização na oralidade praticada em situações de informalidade:

acessibilidade
agropecuária
comprometimento
descaso
descentralização
discriminação
fundamental
intrínseco
notável
oriundos
perspicaz
radicalmente
saneamento
sustentação
viáveis

Em suma, aprender português não é somente aprender a ler e escrever, mas incluir ainda a formação para aprender usar variedades linguísticas diferentes, bem como aprender o dialeto padrão.

Como era o propósito do MEC na criação dos PCN (1997/1998) sobre os princípios da formação de uma cidadania democrática, que tinham por objetivo suprir uma necessidade que o ensino do Brasil possuía, em ter autonomia para poder

trabalhar os conteúdos nas escolas, conforme as necessidades e regionalidades e o contexto em que a escola estava inserida, esses conteúdos bases precisavam ser trabalhados por etapas em que o aluno no final de cada etapa, como ensino fundamental ou ensino médio, obtivesse certos conhecimentos necessários para o exercício de cidadania, até mesmo estar preparado para o exercício profissional. As redações demonstram que há maturidade para argumentar a favor de uma causa, nem sempre com a profundidade exigida para um adulto, já plenamente formado no enfrentamento responsável das questões sociais, mas, ainda assim, com obediência ao tema, repertório para atender aos anseios calcados em valores da sociedade para a qual escrevem, relativa capacidade para organizar um texto escrito na norma padrão e capacidade cognitiva para pensar um problema social muito grave de forma assertiva.

Para os PCN, os conhecimentos linguísticos não podiam ser limitados apenas pelo conhecimento da norma padrão. Os textos analisados fazem uso de estruturas gramaticais, é verdade, e muitos desses textos se organizam segundo a gramática normativa para sua aceitação na sociedade. Há estruturas que surgem entre parágrafos e, até, entre os textos de que a gramática tradicional não dá conta, e tais estruturas merecem abordagens no cotidiano escolar. Além disso, há o aspecto social da língua que, como organismo vivo e pulsante, transforma-se a toda hora e relaciona os textos com o momento de produção e de leitura.

Os sujeitos analisados por seus textos não parecem, de modo algum, que se sintam estrangeiros ao se utilizar de sua própria língua. A seu modo, sabem lidar com os textos nas diversas situações de interação social. É essa habilidade de interagir linguisticamente por meio de textos, nas situações de produção e recepção em que circulam socialmente, que permite a construção dos sentidos. Desse modo, demonstram, nos limites de sua formação em andamento, competência discursiva, participantes efetivos que são de um processo de letramento que se consolida gradativamente.

Os educandos demonstram que conseguem, no uso de diferentes formas de falar, monitorar a fala a depender da situação em que se encontra o falante nas diferentes situações de fala. Nesse sentido, o que está em questão são os diferentes papéis sociais que as pessoas desempenham nas interações que estabelecem em diferentes domínios sociais: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos. Os papéis sociais que desempenham constituem “um conjunto de obrigações

e direitos definidos por normas socio-culturais [...] construídas no próprio processo de interação humana” (BORTONI-RICARDO, 2004²⁸ *apud* COELHO *et al.*, 2019, p. 137).

Supõe-se, pelos textos apresentados, que os alunos saibam que a língua portuguesa, como todas as outras línguas humanas, é para ser compreendida como um organismo vivo, heterogêneo, passível de variação e mudança, que sofre a influência de vários fatores linguísticos e não linguísticos, que se encontra em permanente processo de variação e que se expressa na diversidade dos grupos sociais que as falam.

²⁸ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Contribuições da sociolinguística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem. **Blog Stella Bortoni**, Seção Notícias: Artigos. 2004. Disponível em: [<http://www.stella.bortoni.com.br>Index>artigo 707>]. Acesso em: 08 dez. 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou investigar as infiltrações do oral na escrita formal de alunos do ensino médio de uma escola pública da Grande São Paulo. Assim, a tônica da pesquisa centrou-se na consideração de que o fenômeno da oralidade e da escrita pode ser visto, sobretudo, como prática social de uso diário e que os objetivos da comunicação se fundamentam em práticas discursivas que visam a adequada comunicação ao estabelecer correlação de parceria entre locutor e interlocutor.

No plano pedagógico, os objetivos constantes no documento do MEC para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) 2018 deixam claras as exigências requeridas para que um texto escrito em norma culta seja considerado adequado:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma tese - uma opinião a respeito do tema proposto -, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos.

(ENEM, 2018, p. 7).

Em situações de uso, tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum* de variações que precisam ser assimiladas pelos educandos ao longo do período de escolarização. A prática dos diversos gêneros textuais e suas especificidades tipológicas são comuns na escola de nossos dias justamente para propiciar ao educando a oportunidade de praticar, em atividades planejadas, as situações reais de fala e de escrita na sociedade de seu tempo.

Em situações escolares, essas competências são medidas por meio de critérios estabelecidos pelos órgãos governamentais:

Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado que respeite os direitos humanos.

(ENEM, 2018, p. 8).

Sob essa perspectiva, analisamos cinco textos de tipologia dissertativa-argumentativa e constatamos que os sujeitos da pesquisa, mesmo aqueles que ainda não se encontram seguros com as convenções ortográficas e sintáticas, por terem consciência das características e especificidades do oral e do escrito em situações formais, demonstram satisfatório domínio tipológico e semântico em suas produções quando se leva em conta o nível de escolaridade dos educandos observados, as características contextuais da região em que moram, a idade e as condições artificiais da produção de textos na escola. Ainda que não se possa concluir que há um efetivo produto de autoria, é sensível o esforço para demonstrar, em vinte ou trinta linhas, a capacidade de articular coerentemente as ideias e dispô-las em uma ordem compreensível e, sobretudo, legível. Como se observou, a profundidade e pertinência dos argumentos varia de redação para redação, mas todos os textos concentram um bom grau de verossimilhança e de concepções assertivas sobre os caminhos para solucionar o problema já apresentado em situação conflitiva. Há, sensivelmente, um processo de construção de domínio da gramática normativa que se apresenta nos textos em graus diferenciados e, ao longo dos dois anos regulares de escolarização, poderão ser sanados com a ajuda de professores atentos e criteriosos.

De qualquer modo, ressalte-se que os sujeitos desta pesquisa tinham, em média, dez anos de escolarização regular e que o ato de escrever, para além do

conteúdo ministrado nas escolas, requeria dos autores adequada competência leitora e desenvolvimento cognitivo em consonância com sua idade, sexo e influência contextuais. É preciso observar, ainda, que a análise nos leva a concordar com Marcuschi (2004) quando afirma que a diferença entre fala e escrita se dá dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais. Os sujeitos da pesquisa são jovens e, muito provavelmente por isso, há textos escritos analisados que se aproximam menos ou mais da oralidade e há textos orais que denotam boa prática da escrita em situações formais. As variações podem ser atribuídas à maturidade (ou imaturidade) comunicativa dos falantes neste momento de produção textual e testemunho de aprendizagem linguística, em situação artificial, distante de uma autoria efetiva, uma vez que escrevem para um “sujeito-com-a-caneta-vermelha-na-mão” e não propriamente para um auditório real.

O fato de ainda haver deslizes gramaticais nos textos em análise comprova que, embora o ensino da língua materna nas escolas ainda preze de modo prioritário a prática de uma metodologia centrada nas regras e preceitos da gramática normativa (necessários sempre para o desenvolvimento da escrita formal), o desenvolvimento cognitivo e comunicativo dos sujeitos da pesquisa se sobrepõe à tônica gramaticista enfatizada pela escola. Todos os alunos, no limite de sua idade e papel social, esforçam-se por externar, em linguagem padrão culta, suas ideias e valores, mesmo que, em muitos casos, de forma gramaticalmente canhestra, mas nunca medíocre ou inaceitável.

Constamos, enfim, pela análise, que os sujeitos da pesquisa exprimem relativo domínio da norma culta, compreendem as propostas do texto dissertativo-argumentativo e esforçam-se para produzi-lo organizadamente e planejá-lo de acordo com as estruturas da tipologia dissertativa nos limites não dicotômicos entre oralidade e escrita.

Por outro lado, as inadequações argumentativas cometidas pelos alunos em suas redações podem ser frutos de falta de hábitos de leitura de textos opinativos mais densos e, ainda, de um repertório linguístico ainda limitado pela própria formação e papel social existentes no momento da produção analisada.

Sem dúvida, frise-se, o trabalho com os gêneros textuais é imprescindível para desenvolver a competência comunicativa, bem como possibilitar ao aluno utilizar a língua nas diversas situações de comunicação, não apenas para que possa dar

respostas satisfatórias do uso da escrita em situações escolares, mas, sim e sobretudo, para que possa adquirir competência escritora para as situações reais de comunicação ao longo de sua existência.

Enfim, espera-se que este trabalho possa contribuir com o ensino e aprendizagem, bem como com outras pesquisas sobre o mesmo tema.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria [1949]. Sociolinguística. Parte 2. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [1963]. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2019. v. 1.
- ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; MELLO, Zilda Maria Zaparolli Castro. Procedimentos e funções da correção na conversação. *In*: PRETI, Dino Fioravante [1930]; URBANO, Hudinilson (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. IV, Estudos. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1990. p. 13-58.
- BECHARA, Evanildo Cavalcante [1928]. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BISPO, Edvaldo Balduino. **Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português**, Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Contribuições da sociolingüística educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem. **Blog Stella Bortoni**, Seção Notícias: Artigos. 2004. Disponível em: [<http://www.stella.bortoni.com.br>Index>artigo 707>]. Acesso em: 08 dez. 2019.
- _____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- _____. (Org.) *et al.* **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>]. Acesso em: 27 jul. 2020.
- CALVET, Louis-Jean [1942]. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de [1936]. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- _____. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis, SC: LLV/CCE/UFSC, 2010.

ENEM. **Redação do Enem 2018**: cartilha do participante. MEC - Ministério da Educação. INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. DAEB - Diretoria de Avaliação de Educação Básica. Brasília, DF, out. 2018. Disponível em:

[<https://static.mundoeducacao.uol.com.br/vestibular/arquivos/0520a1648a2cd73d0b2ed7cdfcb23edc.pdf>]. Acesso em: 07 set. 2020.

FARACO, Carlos Alberto [1950]; ZILLES; Ana Maria Stahl (Orgs.). **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FÁVERO, Leonor Lopes [1933]; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira [1955]; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça [1933-2018]. **Linguística textual**: introdução. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIORIN, José Luiz [1942]. **Introdução à linguística**: objetos teóricos. 6. ed. v. 1. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (58.3), Campinas, p. 445-460, set./dez. 2016. Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170#pkp_content_nav]. Acesso em: 08 ago. 2020.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. *In*: PRETI, Dino Fioravante [1930] (Org.). **Análise de textos orais**. Série Projetos Paralelos. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 65-92.

GRUPO ESCOLAR. **G. P. Editoriais**. Pesquisa Filosofia Analítica. [Disponível em: [<https://www.grupoescolar.com/pesquisa/filosofia-analitica.html>]]. Acesso em: 21 ago. 2020.

ILLARI, Rodolfo [1943]; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2017.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine [1943]. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça [1933-2018]. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio [1946-2016]. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio [1946-2016]; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**: características e usos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 57-84.

_____. **Análise da conversação**. 6. ed. Série Princípios 82. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2018.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In:* MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-50.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. *In:* **Letras.** Curitiba: UFPR, v. 6, n. 5, 1956. Disponível em: [http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20034/13216]. Acesso em: 16 ago. 2020.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. A sociolinguística laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. **Cadernos de Estudos Linguísticos** [58.3], Campinas, SP, p. 481-501, set./dez. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322708881_A_sociolinguistica_laboviana_festejando_o_cinquentenario_e_planejando_o_futuro]. Acesso em: 02 ago. 2020.

OLIVEIRA, Luís Carlos de. **Educação (socio)linguística:** ampliando a competência de uso da língua. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, Dissertação de Mestrado em Educação, 2015. 155 f. Disponível em: [https://www.ufjf.br/ppge/files/2015/06/TEXTO-DISSERTA%c3%87%c3%83O-Lu%c3%ads-Carlos-de-Oliveira.pdf]. Acesso em: 18 ago. 2020.

PEREIRA, Ana Dilma de Almeida; SILVA, Claudia Heloisa Schmeiske da; ASSIS, Marli Vieira Lins de. Regência verbal. *In:* BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.) *et al.* **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PRETI, Dino Fioravante [1930]. **Sociolingüística:** os níveis da fala. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

_____. (Org.). **Análise de textos orais.** Série Projetos Paralelos. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. (Org.). **Estudos de língua falada:** variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 2006.

RYBCZYNSKI, Estanislau. Mobral, o ensino da ditadura. **São Paulo, minha cidade.** Leia as Histórias. Artigo publicado em 30 ago. 2014. Disponível em: [http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/9064/Mobral,+o+ensino+da+ditadura]. Acesso em: 08 ago. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo:** linguagens, códigos e suas tecnologias. 2. ed. São Paulo: SEE, 2011. Disponível em: [https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf]. Acesso em: 09 ago. 2020.

SILVA, Luciana Pereira da. **Prática textual em língua portuguesa**. Curitiba: Iesde Brasil, 2017.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, Dino Fioravante [1930] (Org.). **Análise de textos orais**. Série Projetos Paralelos. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010. Disponível em:

[<https://blogdoprofessorchristian.files.wordpress.com/2012/08/marcadores-conversacionais.pdf>]. Acesso em: 16 ago. 2020.

VARGAS JÚNIOR, Levi. Noção de erro a partir de Noam Chomsky: *herrar é umano*. **Portal Educação**: Artigos. Disponível em:

[<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/medicina/nocao-de-erro-a-partir-de-noam-chomsky/38903>]. Acesso em: 09 ago. 2020.

VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia; NASCIMENTO, Rebeca.

Entrevista com Anthony Julius Naro. *In*: VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Claudia (ed.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 13-20.

ANEXOS

Texto 1

instruções.
Leia atentamente a proposta e redija o texto em letra legível, a caneta azul ou preta.
Respeite margens e parágrafos. Mín. 7 linhas e máx. 30

Dado a lado pelo alfabeto

Todos sabem que, em nosso país, há tempo, desenvolve um índice de analfabetismo funcional alto. Embora eles tenham um entendimento em letras e números, não os ajudam a interpretar o que se pede. Então, existem maneiras de mudar tal problema, caso contrário aumentará radicalmente.

Ao analisar os fatos, 75% da população entre 15 e 64 são analfabetos funcionais. Isso tem aplicado teste avaliando as habilidades de leitura. Isso precisa saber que, em um país que vivemos ser é fundamental.

Observando a dificuldade de indivíduos levando em consideração que tenham paciência em ensinar. O analfabetismo funcional é sério, eles devem ter uma rigorosa atenção, pesquisas e métodos por si só, sem redução visíveis, afinal queremos em sociedade, é importante a importância do trabalho em conjunto. Devemos andar juntos, lado a lado, para atingirmos um nível adequado de alfabetização.

Texto 2

Leia atentamente a proposta e redija o texto em letra legível, a caneta azul ou preta.
Respeite margens e parágrafos. Mín. 7 linhas e máx. 30

1	Conforme os dados de uma pesquisa realizada pelo site Bra
2	il Escola, mais de 50% dos entrevistados não liam e
3	por não compreenderem seu conteúdo. Isso se dá em
4	função da desigualdade dos brasileiros, desde a alfabetização, ^{que se dá}
5	trindo se no desenvolvimento do país, já que a desigualdade so
6	cial ocorre ^{ocorre} no processo, além da discriminação.
7	Quanto ao desenvolvimento do país, tem-se em vista que se
8	maior número de analfabetos funcionais, ^{isso caus} a quantidade
9	de profissionais ^{necessários} em cada área. Com isso, a quali-
10	dade nas áreas de saúde, educação, saneamento básico, por exa
11	plo, será menor. Até mesmo o desenvolvimento de pesquisas po
12	rária sendo menor, ficando assim com serviços mais precários.
14	(Quanto do) Relacionando-se as condições de ensino, ^{como que se li-}
14	nar em consideração que as pessoas com uma renda menor
15	possuem piores condições de educação escolar. Além de muitas
16	delas acabarem entrando atrasadas ou sem ensino pré-escolar, fo
17	zendo com que o ensino fique ainda pior e sem conseguir gran
18	de auxílio, podendo inclusive sofrer discriminação dentro da escola.
19	Em suma, uma das formas de diminuir a quantidade de
20	analfabetos funcionais seria implementando mudanças no mode
21	lo de ensino. Poderão ter algum professor auxiliar dentro da
22	sala de aula, além do professor principal. Poderia ser reali
23	zado também plantão de dúvidas, espécie de reforço, para quem
24	tem mais dificuldades. Poderão ser feito pelo próprio diretor da ins-
25	tituição.
26	
27	
28	
29	
30	

Texto 3

1	A taxa de escolaridade vem aumentando. No entanto, ainda é notável que o
2	analfabetismo é um problema entre os brasileiros. "75% da população bra-
3	sileira entre 15 e 64 anos, são analfabetos funcionais. Com o fim de
4	melhorar, não só os números mas ir a fundo capacitá-los, a influência e
5	ajuda maior dentro de casa e uma importância maior do governo
6	seria um grande passo para ter diminuição nesse problema.
7	Letra é fundamental, seja para adultos ou para crianças. Toda via, as
8	crianças estão em formação e não têm a compreensão e aten-
9	ção necessária a isso. De acordo com o fonte (Brasil escola). "São
10	dos entrevistados declaram não ler livros por não compreender o conteúdo!"
11	Influência da leitura deve ser feita em conjunto por pais, tirando
12	um tempo livre para a criança pegar gosto, e não achar um coisa chata
13	e os professores na escola.
14	No entanto, juntamente com os pais e professores, o governo é
15	indispensável dando sustentação a essas pessoas que estarão dispostas
16	a ajudar. Construindo mais escolas, bibliotecas, até uma base para
17	serem feitas novas atividades na escola.
18	Desse modo, dando os princípios as novas gerações. A taxa
19	de escolaridade aumentaria mais, porém de uma forma diferen-
20	te e mais sustentável. Tendo em vista que as pessoas que leem
21	sabem mais, tem mais facilidade e compreensão das coisas,
22	elas seriam mais inteligentes tendo essa base e poderiam criar
23	novas metas para ajudar em problemas diversos que, infeliz-
24	mente são muitas, que existem no mundo.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Texto 4

instruções.

Leia atentamente a proposta e redija o texto em letra legível, a caneta azul ou preta. Respeite margens e parágrafos. Min. 7 linhas e máx. 30

1 Pessoas com esse problema tem sérias dificuldades
2 atualmente, já que o mundo está em constante
3 evolução e a dificuldade em obter uma leitura
4 compreensiva traz problemas de desenvolvimento
5 pessoal e profissional.

6 A maioria dos casos de analfabetismo funcional
7 é presente em pessoas mais velhas, devido ao fato
8 que antigamente era de maior dificuldade uma pessoa
9 frequentar uma escola e isso trouxe consequências
10 para nossa sociedade.

11 Um desses problemas gerado pela baixa escolaridade
12 foi o alto índice de pessoas que não sabem
14 interpretar um texto, diminuindo o interesse de
14 indivíduos em ler um livro e melhorar seu intelecto.

15 A fim de amenizar esses problemas de desenvolvi-
16 mento humano, poderíamos gerar melhorias na educação básica,
17 incentivar a leitura e aulas voltadas para pessoas
18 de idade. Isso teria que ser proposto ao governo na
19 intenção de diminuir os números de analfabetizados
20 funcionais no Brasil.

21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

qual? out

out

Atenção especial!

Texto 5

Leia atentamente a proposta e redija o texto em letra legível, a caneta azul ou preta.
Respeite margens e parágrafos. Mín. 7 linhas e máx. 30

1	O analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo que o tem, há cul-
2	pa na descentralização educacional, ^{no} falta de acessibilidade e ^{na} descaso do go-
3	verno em lugares mais ^{afastados} do Brasil. Todavia, o analfabetismo funcional
4	não está diretamente relacionado à inteligência ou nível de escolaridade, e sim
5	à falta de responsabilidade das instituições educacionais ^{que} as pessoas frequentam
6	
7	A descentralização educacional não é um processo homogêneo, o governo investe em
8	locais onde posteriormente poderá gerar mais lucro para o país; fazendo assim, o Bra-
9	sil fica melhor representado mundialmente. Por conta disso, os lugares onde temos
10	como principal fonte de comércio a longo prazo, tem índices de escolaridade mais baixos
11	já que nesses locais, as crianças costumam começar a trabalhar cedo e o governo não
12	se preocupa tanto com o respectivo assunto.
14	Juntamente com isso, as instituições educacionais estão mais preocupadas em formar
14	pessoas do mesmo jeito que se constroem máquinas, pois se o aluno ^{não} tiver autonomia,
15	ele sairá não sairá da escola sabendo ler um texto e compreendê-lo e nem aprenderá a
16	produzi-lo, já que isso, não irá trazer tantos benefícios para o governo como a porcenta-
17	gem da taxa de escolaridade dos brasileiros.
18	
19	Como o analfabetismo funcional não depende apenas do indivíduo, há uma descentrali-
20	zação educacional com falta de responsabilidade. O governo poderia implantar um regime
21	escolar que vise mais o aprendizado do que a formação escolar em si. O governo também
22	poderia construir mais escolas nos lugares pobres e de difícil acesso no Brasil. Sendo
23	assim, os representantes do Ministério da Educação em conversa com professores criariam
24	um sistema mais funcional para eles e para os alunos. Essas atitudes trariam uma taxa
25	bem menor de analfabetos funcionais pois a escola estaria mais atenta nesse assunto.
26	
27	
28	
29	
30	